

Etnoterminologia e Etnobotânica em diálogo: o que são etnotermos?

Ethnoterminology and Ethnobotany in dialogue: what are ethnoterms?

Maria José Bocorny Finatto* 

Luís Manuel Mendonça de Carvalho** 

Giovana Santos da Silva*** 

RESUMO: Este artigo articula os campos da Etnoterminologia e da Etnobotânica para discutir a noção de **etnotermo** enquanto unidade lexical multifuncional, que emerge da interação entre saberes populares, científicos e tradicionais. A pesquisa justifica-se pela necessidade de valorizar e preservar formas de conhecimento culturalmente situadas, muitas vezes invisibilizadas nos registros terminológicos convencionais. A partir de uma abordagem qualitativa, foram utilizadas ferramentas computacionais e análise de *corpus* histórico, composto por manuais médicos impressos em português nos séculos XVIII e XIX. O estudo de caso do *malvaísc* — planta medicinal de amplo uso tradicional — é apresentado como exemplo paradigmático de etnotermo, pois condensa dimensões botânicas, terapêuticas, simbólicas e linguísticas. A análise preliminar dessa palavra indica que etnotermos podem funcionar como registros vivos da cultura, articulando memória, linguagem e práticas de cura. Conclui-se que a abordagem etnoterminológica, ao integrar diferentes saberes e práticas discursivas, oferece uma via transdisciplinar promissora para os estudos do léxico e para a construção de instrumentos como hiperdicionários voltados à sistematização e valorização do patrimônio linguístico-cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Etnoterminologia. Etnobotânica. Enotermo. Terminologia sócio-histórica.

ABSTRACT: This article articulates the fields of Ethnoterminology and Ethnobotany to discuss the notion of the **ethnoterm** as a multifunctional lexical unit that emerges from the interaction between popular, scientific, and traditional knowledge. The study is justified by the need to value and preserve culturally situated knowledge, which is often rendered invisible in conventional terminological records. Based on a qualitative approach, computer tools and historical *corpus* analysis were used, focusing on medical handbooks written in Portuguese in the 18th and 19th centuries. The case study of *malvaísc*—a medicinal plant with wide traditional uses—is presented as a paradigmatic example of an ethnoterm, as it concentrates botanical, therapeutic, symbolic, and linguistic dimensions. Preliminary analysis

* Pós-doutorada em Terminologia Histórica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. maria.finatto@ufrgs.br.

** Doutor em Biologia. Titular da Cátedra UNESCO em Etnobotânica e Salvaguarda do Patrimônio de Origem Vegetal. Instituto Politécnico de Beja – Portugal. unesco@ipbeja.pt.

*** Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Giosansil89@gmail.com.

of this term indicates that ethnoterms can function as living cultural records, articulating memory, language, and healing practices. The study concludes that an ethnoterminological approach, by integrating different discursive knowledges and practices, offers a promising transdisciplinary path for lexical studies and the development of tools such as hyperdictionaries aimed at the systematization and valorization of linguistic and cultural heritage.

KEYWORDS: Ethnoterminology. Ethnobotany. Ethnoterm. Socio-historical terminology

1 Introdução

A palavra lexical constrói um sistema do mundo. Enfim, a palavra lexical constitui o instrumento pelo qual **as civilizações constroem para si uma visão do mundo** (Josete Rey-Debove, 1984, grifo nosso).

Com o intuito de discutir uma noção ampliada para **etnotermos**, este artigo retoma alguns fundamentos e práticas da Etnoterminologia brasileira (Barbosa 2006, 2007, 2009, 2020) em vista da emergência de sua importância em meio a um estudo diacrônico e sócio-histórico sobre as terminologias de manuais médicos impressos em Portugal e no Brasil nos séculos XVIII e XIX (Finatto, 2024).

Desde a proposição da Etnoterminologia por Barbosa (*op. cit.*), sua base pioneira de estudos motivou novos trabalhos, os quais foram feitos levando em consideração manifestações discursivas diversas, com unidades lexicais características dessas manifestações. Assim, discursos considerados etnoterminológicos em trabalhos mais e menos recentes, como os de França (2024), Pimenta (2019), Carneiro (2016), Esperandio (2015), e Carvalho (2013), em sua maioria, apresentam teores mais literários e/ou ficcionais. Entretanto, ao retomar a discussão sobre etnotermos, entendemos que seria possível estender a observação para outros cenários comunicativos, especialmente para os não ficcionais, como os manuais de Medicina Doméstica (Souza, 2022), se tomados em mirada histórica. Desse modo, ampliar-se-ia também a discussão sobre um potencial valor etnoterminológico associado a unidades lexicais de diferentes tipos discursivos e gêneros textuais.

No nosso estudo do léxico de manuais médicos antigos, obras cuja proposta incluía levar a informação sobre doenças e seus tratamentos para profissionais e práticos em formação, sobretudo para leigos, tratamos de diferentes tipos de terminologias e de convencionalidades de escrita. Atualmente, a pesquisa tem se centrado no segmento temático dos fitoterápicos e no léxico a ele associado, no âmbito de manuais médicos e guias de Medicina Popular (Guimarães, 2016; Pereira, Ribeiro, 2021). Nesse tema, aproveitamos as trajetórias de pesquisadores de Etnobotânica (Carvalho, 2006). Trabalhando com *corpora* de valor histórico e patrimônio bibliográfico digitalizado, também seguimos preceitos da Filologia Digital (Paixão de Sousa, 2013), das Humanidades Digitais e da Lexicologia Sócio-histórica (Cambaia; Cunha; Santos, 2023), com apoio de técnicas da Lexicometria para pesquisas qualitativas (Souza, 2021). Assim, um *corpus* amostral *on-line* é descrito e estudado com o apoio de obras de referência, dicionários de época, *corpora* digitais e ferramentas computacionais. Esses suportes auxiliam a traçar uma linha de tempo (Lazzari; Finatto, 2023) de conhecimentos, de concepções e de saberes médicos expressos e/ou construídos em português conforme espelhados pelo léxico e pelos vocabulários.

Por conta do desenho e planejamento de um futuro hiperdicionário de Epidemiologia histórica (Finatto, 2024), abastecido com diferentes terminologias de tais *corpora*, evidenciou-se o protagonismo do repertório fitoterápico, com uma série de correlações entre diferentes nomes de vegetais, nomes de doenças e/ou condições, substâncias químicas associadas, tipos de preparos e de tratamentos, além de perfis das pessoas tratadas e/ou atendidas. Dado que as obras médicas em estudo buscavam associar a informação científica daquelas épocas aos repertórios de conhecimentos prévios e das práticas de seus leitores leigos (Gonçalves, 2020; Abreu, 2011; Guimarães, 2016), para interpretar e contextualizar significados, são exploradas também fontes sobre a história da Medicina, da Farmacologia e uma série de registros sobre saberes populares e práticas históricas de curas. Com tais subsídios, viabiliza-se a prospecção desse léxico temático e repertórios afins.

Em paralelo, temos ampliado ainda mais o foco para buscar um contraponto de tais elementos, sobre doenças e seus tratamentos, conforme espelhados também em narrativas ficcionais de textos literários. Conforme ensaiado em Silva; Finatto (2025), para tal intento, temos buscado narrativas ficcionais gaúchas que trazem temas médicos em cenários literários e regionais do Brasil do século XIX.

Nesse percurso, valemo-nos da Terminologia Diacrônica e/ou sócio-histórica (Curti-Contessoto, 2024) e da Etnoterminologia. E, para a parte dos fitoterápicos, de insumos da Etnobotânica. Essa sinergia, entre outras, é o que se busca retratar neste artigo, com o que se ensaia uma discussão sobre o que seriam **etnotermos**. Assim, na sequência, é trazida uma revisão das principais bases dos estudos lexicais trabalhadas no cenário brasileiro, na qual explora-se a conceituação do termo “palavra” e de noções afins. Depois, revisam-se alguns pontos básicos da Terminologia, da Lexicometria e da Etnoterminologia. A seção que vem em seguida é dedicada à Etnobotânica, combinada à Etnoterminologia, e sua conexão em torno de um conceito para as unidades que poderiam ser qualificadas como etnotermos, acompanhada de uma proposta preliminar ou roteiro de base para verificação de candidatos a etnotermos.

Nesse ponto, exploram-se alguns contextos (ou cotextos¹) de uso associados ao nome de uma planta medicinal, o MALVAVISCO/MALVARÍSCO/MALVAÍSCO, conforme caracterizados em manuais médicos publicados em português entre os séculos XVIII e XIX e em um conjunto de fontes documentais da atualidade. Adicionalmente, para extrapolar esse exemplo paradigmático, e o âmbito fitoterápico, são tratados, brevemente, como exemplos acessórios, outros dois outros termos, como BOFE e DISENTERIA. Esses contextos nos conduzem para uma concepção inicial para a verificação da condição ou do valor de um *etnotermo* manifestados também em fontes

¹ A palavra *cotexto* refere-se ao conjunto de palavras que circundam uma dada palavra ou expressão, e que contribuem para que seu significado seja estabelecido. O cotexto, assim, corresponde ao que coexiste no ambiente textual.

não ficcionais. Nas considerações finais, apontam-se perspectivas para novos trabalhos em busca de mais elementos sobre tal condição.

2 Palavras, vocabulário: o léxico e seus estudos

O estudo do léxico, vocabulário e palavras, que compõem uma língua, está presente em todos os lugares e se relaciona com diversos níveis da linguagem (Finatto, 2024). Para aqueles que são novos nos Estudos do Léxico, é importante entender a discussão que se propõe nesta seção e nas duas seguintes. Embora as seções pareçam desviantes do foco principal deste artigo, que é discutir a condição de **etnotermo**, servem para situar uma proposta de ponderação sobre o que seria um valor etnoterminológico, situando-a em meio a diferentes tipos de estudos sobre gêneros discursivos e textuais.

A conceituação de “palavra” é bastante complexa e variada no âmbito dos estudos científicos da linguagem. O termo pode ser entendido de forma genérica como uma unidade de sentido completa, enquanto “vocábulo” se refere a essa unidade considerando apenas sua forma. Outros termos como “lexema,” “lexia” ou “item lexical” também são usados para diferenciar ou designar elementos da palavra.

Existem dois tipos principais de palavras. O primeiro é a palavra lexical, que possui um significado referencial independente e inclui nomes próprios, substantivos, adjetivos e verbos. O segundo tipo é a palavra funcional ou gramatical, que abrange elementos de associação, como preposições, artigos, pronomes e conjunções (Gil, 2016; Biderman, 2001).

No entanto, nem toda palavra se encaixa perfeitamente nessas categorias, já que a distinção entre as palavras lexicais e gramaticais pode ser questionada em alguns casos, como o advérbio “não” ou a conjunção “então”. O autor Polguère (2018), por exemplo, evita o termo “palavra” e prefere “forma de palavra” e “lexema”. Para ele, o lexema é a forma básica ou canônica de uma palavra, enquanto as formas de palavra

são suas variações e flexões. Por exemplo, o lexema “comer” tem as formas de palavra “como,” “comes,” “comia,” e “comerão”.

Conforme destacou Silva (2021), na discussão em torno do que é uma palavra, diferentes estudiosos instauram seus modos de delimitar e entender tal unidade. Dessa forma, estudar o léxico cientificamente requer um grande esforço e a adoção de uma abordagem específica.

Na análise descritiva de uma língua, seja ela falada ou escrita, examina-se sua estrutura, suas variações, mudanças e evolução de formas, sentidos e organização das palavras em usos. Em estudos voltados para o ensino de línguas ou tradução, elementos adicionais são mobilizados, como estudos contrastivos e aspectos cognitivos da aquisição da linguagem. Esses estudos abrangem tanto o léxico concreto, que é o que as pessoas realmente usam, quanto o léxico abstrato ou potencial, que está na mente e supõe uma capacidade cognitiva de linguagem. Diante dessa variedade de abordagens, as definições de léxico podem ser exploradas conforme as necessidades de cada pesquisa.

No Brasil, os Estudos do Léxico utilizam ferramentas computacionais para analisar grandes volumes de textos. Essas ferramentas, criadas a partir da Linguística de *Corpus* e do Processamento de Linguagem Natural (PLN), possibilitam análises detalhadas e extensivas em grandes bases de textos. Atualmente, recursos de Inteligência Artificial generativa (IA), como o ChatGPT, usam esses grandes *corpora* para identificar padrões linguísticos e vocabulários recorrentes. Com tais padrões, as IAs executam uma diversidade de tarefas e comandos em PLN.

Esses recursos fornecem dados sobre a frequência e distribuição de diferentes tipos de palavras e de expressões em uso, o que pode tanto apoiar quanto alterar teorias linguísticas, confirmando ou refutando hipóteses. Essas ferramentas também conseguem identificar as palavras mais usadas em contextos específicos e traçar perfis de vocabulário de autores ou grupos. Assim, em diferentes escalas, a observação

sistemática dos usos das palavras, incluindo suas significações, é crucial para definir perfis da linguagem em uso por pessoas e comunidades.

Uma distinção importante no campo da Lexicologia é a que foi feita por Biderman (2001) entre “léxico” e “vocabulário”, termos frequentemente usados como sinônimos. Segundo a autora, o léxico se refere à totalidade das palavras de uma língua, enquanto o vocabulário é a porção desse léxico que os indivíduos de fato usam. Essa distinção é fundamental para análises científicas, pois o estudo do léxico, que é considerado uma entidade teórica, depende do estudo do vocabulário, sua porção concreta. Isso implica lidar com as palavras em suas variações de forma, significado e funções gramaticais e pragmáticas.

O léxico é, segundo Marcuschi (2005) um dos três pilares da língua, ao lado da Sintaxe e da Fonologia. No entanto, ao contrário da Sintaxe e da Fonologia, que possuem conjuntos fechados de possibilidades, o léxico é o nível mais instável e aberto da língua, com novas palavras surgindo e outras desaparecendo constantemente. Mesmo assim, o léxico é capaz de identificar o falante, o tipo de texto e o contexto da comunicação. Sem o léxico, conforme Antunes (2014), a sintaxe não teria sobre o que operar, já que as palavras são a “matéria-prima” para a construção da linguagem.

A Lexicologia, que busca entender o vocabulário, está fortemente associada aos estudos de dicionários e à Lexicografia prática e teórica. Desde os anos 2000, tem havido uma aproximação no Brasil entre a Lexicologia e a Terminologia descritiva, uma área focada nos fenômenos da comunicação técnico-científica. A Terminografia, por sua vez, é a aplicação da Terminologia teórica, que se dedica à produção de glossários, bancos de dados e dicionários especializados.

3 Terminologia

Terminologia (com T maiúsculo) é disciplina ou ramo de estudos, em Linguística aplicada, que faz parte dos estudos do Léxico (Bevilacqua *et al.* 2023, p.18). Visa a identificação, a descrição e análise dos termos especializados, das suas

definições e das unidades fraseológicas, que integram e representam os modos de dizer, as conceituações e a organização das linguagens técnico-científicas em diferentes cenários comunicativos.

Em seus estudos atuais, como é comum em estudos lexicais, segue diferentes perspectivas, pontos de vista e linhas teóricas. Há, assim, não *uma* Terminologia, mas várias vertentes e escolas de pensamento, associadas a diferentes teorias linguísticas de Terminologia. Nesse âmbito, uma **terminologia** (com t minúsculo) é entendida como um conjunto dos termos, unidades lexicais especializadas, próprios de uma ciência, arte, área de saber, técnica ou profissão (Krieger; Finatto, 2023).

Em Terminologia, conforme ensinou Krieger (2004, p.329-331), destacam-se usos de linguagem **peculiares**, ditos **especializados**, diferenciados em relação à linguagem cotidiana. A Terminologia se ocupa de usos verificados quando a comunicação se dá, entre especialistas, sobre uma área do conhecimento ou área de saber. Essa comunicação determinará uma série de convencionalidades, tipos de enunciados e de frases, além do emprego de terminologias, símbolos, abreviações, siglas, nomes e expressões latinos ou gregos, vocabulários e expressões. Esses recursos os especialistas precisam aprender a usar e compartilhar. Afinal, esses usos adquirem valores e significados específicos, associados ao conhecimento próprio de um campo e às suas trocas de comunicação.

Assim, por exemplo, conforme Finatto, Esteves e Villar (2022), quando encontramos escrita a palavra “vírus”, em âmbitos especializados, poderemos estar em contato com a comunicação em Medicina ou em Informática. Mas, em situações informais e até poéticas, poderíamos imaginar frases como “O vírus do ciúme abalou o meu amor”. Do mesmo modo, “selar”, comumente entendido como colocar um selo em uma carta, em Gastronomia e/ou Culinária, pode significar um tipo de cozimento leve e ligeiro que se faz quando se doura um pedaço de carne em uma chapa, panela ou frigideira que já devem estar muito quentes.

Terminólogos descritivistas² ocupam-se, fundamentalmente, das variações, das polissemias e das mudanças, incluindo de significados, que acometem as terminologias em diferentes situações. Conforme apontaram Krieger; Santiago (2014), os terminólogos investigam, assim, entre outros elementos, termos ou expressões que podem ficar ultrapassados ou cair em desuso, como as “trompas de Falópio”, em Medicina, que passaram a ser chamadas como “tubas uterinas”. Descrevem também termos populares, usados por diferentes pessoas e comunidades, associados a termos e conceitos científicos, como “tosse comprida”, “coqueluche” e “tosse convulsa” ou mesmo o popular “nó nas tripas”.

Ao coletar e descrever as terminologias, considera-se tudo que acontece em torno delas – como os tipos de textos, os modos de dizer, aspectos sócio-discursivos e os formatos das comunicações usadas por diferentes pessoas em suas diferentes situações de diálogos. Assim, metodologicamente, objetivo da Terminologia é contribuir para que a comunicação que circula – entre os próprios especialistas e entre os especialistas e pessoas leigas (e entre os especialistas e seus aprendizes) se realize de forma compreensível e proveitosa para todos, em ambientes em que se empregam uma ou mais línguas.

O terminólogo estuda, descreve e analisa o funcionamento das terminologias e dos modos expressivos da comunicação das diferentes áreas do conhecimento e dos saberes. Seu objetivo é sistematizar as informações relativas à significação e ao uso dos termos especializados, podendo oferecer esse reconhecimento sob a forma de dicionários, glossários, bases de dados e caracterizações amplas, incluindo as normativas, sob a forma de pesquisas em *corpora*, como teses, dissertações e artigos científicos.

² Existem também os terminólogos prescritivistas ou normativos, que se ocupam de implantar e gerir os padrões e as uniformizações de usos de termos e de seus respectivos conceitos. Um exemplo desse trabalho temos na indústria e nos serviços de aviação e nos organismos de normas técnicas que padronizam produtos e serviços, com a nossa ABNT.

Recentemente, no Brasil, também integram os estudos de Terminologia os processos de simplificar e acessibilizar informações especializadas para que possam ser mais facilmente compreensíveis por diferentes usuários, especialmente pessoas leigas de escolaridade e letramento limitados ou pessoas com necessidades especiais. Nesses processos, aproximações e correlações entre as terminologias populares e as científicas têm sido bastante usuais e proveitosas.

Esses esforços em prol da acessibilidade da informação especializada também têm sido estudados, em Terminologia, em enfoques sócio-históricos. Em trabalhos sobre o tema da acessibilidade textual e terminológica (Zilio; Finatto; Vieira; Quaresma, 2023), exploram-se diferentes traços da complexidade do texto e das tentativas de simplificação didática para a divulgação médica em cronologias. Nesse amplo cenário de estudos, o terminólogo-linguista³ tem atuado como um mediador dos fluxos e caminhos da comunicação especializada. Os terminólogos, assim, levantam uma série de dados que poderão servir de apoio ou até serem transformados em produtos concretos, como materiais pedagógicos, glossários simplificados e outros tipos de repertórios, o que tem a ver com a **Terminografia**.

A Terminografia é uma disciplina linguística intimamente ligada à Terminologia. Na Terminografia (Bevilacqua *et al.* 2023, p.20), estudam-se os melhores modos de se produzir levantamentos e repertórios que mostram como se dá a organização linguística, conceitual e os modos de uso das terminologias de uma área de conhecimento, em uma ou mais línguas. Sendo assim, o terminógrafo pode ser considerado um tipo de terminólogo "aplicado". Conforme se depreende do trabalho de Curti-Contessoto; Costa (2021), suas atividades são mais focadas na produção e atualização de obras de referência, como dicionários, glossários e vocabulários, em

³ Fazemos a distinção terminólogo-linguista dado que, hoje, em vários cenários de pesquisa, acadêmica e em âmbitos industrial e comercial, desempenham a função de terminólogos pessoas que não têm formação em Linguística ou na área de Letras, como engenheiros e profissionais da Saúde. A atuação de terminólogos, sem qualquer formação em Linguística, é prática apontada também por Lothar Hoffmann em seus escritos dos anos de 1980 e 1990.

formato papel ou eletrônico, em forma de bases de dados e até sob a forma de mapas digitais que mostram como se organiza um determinado ramo do conhecimento ou área do saber.

Como apontam Bevilacqua; Kilian, (2024, p.17-21), são beneficiários de trabalhos terminográficos os tradutores, intérpretes, redatores técnicos, jornalistas, comunicadores e educadores; gestores e mediadores da informação como bibliotecários, documentalistas e arquivistas; linguistas, dicionaristas, filólogos, estudiosos da informação e da cultura; pessoas interessadas em ciências e saberes tradicionais ligados a profissões, serviços e práticas.

4 Lexicometria e Etnoterminologia

4.1 Lexicometria

A análise quantitativa dos vocabulários, via Lexicometria, apoia-se em ferramentas computacionais e recursos estatísticos sofisticados, buscando-se identificar e medir padrões de usos – e até de não-usos de vocabulário por parte de redatores e/ou falantes. Com a Lexicometria, conforme vemos em Sousa (2021), ao utilizarem-se *softwares* e estatísticas específicos, realizam-se também estudos de Estilometria. Esses estudos abastecem, por exemplo, estudos de autor e caracterizações individualizadas de escrita ou de fala, que podem também abarcar um grupo de autores, em uma sincronia ou diacronias. A Lexicometria auxilia a descoberta de temas específicos e recorrentes distribuídos em diferentes bancos de textos, reunidos em forma de arquivos digitais, estando envolvida também em ferramentas de PLN e plataformas de IA.

Por sua vez, a Linguística de *Corpus*, conforme introduzida no Brasil por Berber Sardinha (2004), também tem fornecido toda uma série de métodos, etapas e ferramentas diversas para estudos de Lexicometria.

4.2 Etnoterminologia

Como revisam Silva e Finatto (2025), a Etnoterminologia é um campo interdisciplinar da Terminologia voltado à relação entre termos e manifestações culturais. Conforme apurado pelas autoras, o termo “etnoterminologia” teria sido primeiramente empregado, nos estudos lexicais e lexicográficos, por Luis Fernando Lara. Segundo esse autor, há uma ligação indissociável entre as terminologias e culturas (Lara, 2007).

Para tentar delimitar mais claramente o campo da Etnoterminologia, tende a ser útil contrastá-lo também com abordagens próximas ou afins, como a **Terminologia Cultural**, proposta em estudos sobre conhecimentos técnicos e científicos construídos nos cenários das línguas africanas. Com o autor de referência desses estudos Marcel Diki-Kidiri, percebe-se a proposta de uma Terminologia Cultural (Diki-Kidiri, 2009). Nessa proposta, o autor examina os processos de adaptação de termos e de conceitos tecnológicos ao cenário cultural de diferentes línguas do continente africano.

Frente a enfoque que têm a ver com processos de colonização científica e tecnológica, a Etnoterminologia do Brasil tem tratado do léxico dos saberes tradicionais do nosso país, muitas vezes preservados e mantidos na oralidade, os quais expressam os sistemas de valores de comunidades de cultura. Esses saberes, preservados e transmitidos por “especialistas do saber” dessas comunidades, conforme observa Costa (2017), tenderiam a estruturar um **vocabulário etnoterminológico**.

No Brasil, Maria Aparecida Barbosa (2006, 2007, 2009, 2020) introduz a Etnoterminologia ao propor que discursos **etno-literários** — realizados por textos populares e ficcionais — sejam reconhecidos como espaços legítimos para a identificação de vocábulos e de termos **plurifuncionais**. Conforme marcava a saudosa pesquisadora, a distinção entre a língua comum, do dia a dia, e a linguagem especializada não é rígida. Afinal, o valor de suas palavras depende do contexto discursivo. Ela ainda discutia processos como **terminologização** e **vocabularização** como marcas de um léxico que expressa valores culturais e identitários. Percebida em

um conjunto de trabalhos, todos amparados em estudos sistemáticos de *corpora* textuais, sua proposta confere à Etnoterminologia um caráter interdisciplinar, voltado à análise de unidades que, vale frisar, **transitam** entre o técnico, o simbólico e o popular.

Essa perspectiva, naturalmente, dialoga com a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) de Cabré (1999), uma das teorias mais conhecidas e citadas em pesquisas no Brasil. Afinal, a TCT também rejeita a fixidez entre vocábulos “comuns” e termos, defendendo que o valor terminológico é um valor definido pelas condições discursivas e sociocognitivas de uso. Assim, termos e vocábulos situam-se em um *continuum* entre o uso comum e o científico, assumindo funções e valores específicos conforme o contexto comunicativo. E, nesse cenário, conforme já se reconhecia em meio a um evento global de pesquisadores de Terminologia, o VIII Simpósio da RITERM, Rede Iberoamerica de Terminologia, de 2002:

A terminologia é a ferramenta utilizada pelos especialistas para comunicarem entre si, e uma das definições que se tem dado para o termo é o de ser uma unidade léxica que transmite conhecimento especializado. Sem dúvida, **é possível apreciar que a terminologia não se limita exclusivamente aos textos especializados: pode aparecer na linguagem cotidiana e inclusive em textos literários. Isto pode se notar na prática da tradução, onde aparecem unidades léxicas para as quais inicialmente há de se seguir uma estratégia terminológica** ao buscar a equivalência correta na língua de chegada⁴ (Cazés, 2002, grifos nossos).

Estudos mais recentes, como os citados na introdução deste artigo e os de Fromm (2020), têm ampliado o escopo da Etnoterminologia. Isso é feito aplicando-a a

⁴La terminología es la herramienta utilizada por los especialistas para comunicarse entre sí, y una de las definiciones que se ha dado para el término es el de ser una unidad léxica que transmite conocimiento especializado. Sin embargo, es posible apreciar que la terminología no se limita exclusivamente a los textos especializados: puede aparecer en el lenguaje cotidiano e incluso en textos literarios. Esto puede notarse en la práctica de la traducción, donde aparecen unidades léxicas para las cuales inicialmente hay que seguir una estrategia terminológica al buscar la equivalencia correcta en la lengua de llegada.

discursos narrativos contemporâneos, como as narrativas de seriados televisivos que tratam de temas médicos, incluindo séries de ficção científica, como *Star Trek*, e até de temas mágicos como os da série literária e audiovisual *Harry Potter*, mostrando, sempre com apoio da Linguística de *Corpus*, que vocábulos e termos podem ser analisados em diversas mídias, suportes e relacionados a práticas culturais.

Nesse campo, tais estudos identificam terminologias presentes em novas manifestações culturais e em narrativas literárias tradicionais. Trata-se, portanto, de investigar como diferentes grupos culturais, em cenários ficcionais, nomeiam e conceituam conhecimentos e tecnologias, observando também os diálogos entre saberes — por exemplo, quando um texto ficcional televisivo trata um tema científico recuperando tradições populares, ou vice-versa.

Nessa direção, mas, justamente, tratando de cultura em discursos não ficcionais, no âmbito dos trabalhos de importantes grupos de pesquisa de Terminologia do Brasil, vale observar pesquisas recentes do Grupo TERMISUL – UFRGS⁵. No *site* do grupo, acessado em maio de 2025, registra-se uma nova 4ª fase de seus trabalhos e estudos, em enfoque denominado *Terminologia social e cultural*, no projeto: *A terminologia do patrimônio cultural imaterial* (1ª etapa – 2021-2024).

Essas perspectivas culturais aplicadas aos exames de discursos científico-acadêmicos tendem a tornarem-se especialmente frutíferas quando se examinam, em paralelo, textos da literatura ficcional (Cazés, 2002). Tais exames tendem a revelar vocabulários e terminologias que poderiam ser considerados, de algum modo, “fora do lugar” — pois parecem estar empregados e ressignificados para além de usuais contextos técnicos ou acadêmico-científicos. Ademais, associam-se a valores sociais e saberes de diferentes tipos, que podem ser bem diferentes dos conhecimentos científicos em sentido estrito.

⁵<https://www.ufrgs.br/termisul/>

Um outro exemplo desses enfoques, mas em contextos ficcionais, é o trabalho de Silva e Finatto (2025) sobre romance histórico *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo. Nas partes da obra em que se retrata a sociedade rural gaúcha escravocrata do século XIX, as autoras destacam escolhas lexicais relacionadas a nomes e categorias para cores de pele, vestimentas, instrumentos, tipologias de ocupações e profissões e seus fazeres. Entre vários elementos, também identificaram os nomes e as descrições ficcionais de doenças e de práticas de cura refletidas em meio a um universo social marcado pelas hierarquias de um cenário de racialização e escravidão do século XIX.

Esses elementos, resgatados na narrativa literária, podem estar articulados a elementos dos discursos científicos propriamente ditos, não ficcionais, com vistas a causar efeitos de verossimilhança. Isto é, a ficção abastece-se de traços da realidade. Assim, também em discursos ficcionais, destacam-se, por exemplo, os nomes científicos “oficiais” de doenças e de substâncias químicas, venenos e medicamentos, mas também os termos populares e modos de dizer de saberes e de conhecimentos populares, como aqueles sobre plantas medicinais.

A presença recorrente de menções sobre fitoterapias populares em narrativas ficcionais de temática regional-histórica e em registros médicos não ficcionais, aponta e reforça a ideia de um diálogo possível entre Etnoterminologia, Terminologia Diacrônica e/ou Sócio-histórica e ao *modus operandi* da Etnobotânica — temas da próxima seção.

5 Etnobotânica e Etnoterminologia: diálogos possíveis

A Etnobotânica é um ramo da Biologia que prioriza a observação científica sobre a estrutura e experimentação com plantas em cotejo com saberes populares associados a elas. Assim, estuda o uso e o aproveitamento de espécies vegetais em contextos culturais específicos, com especial ênfase para comunidades tradicionais. A Etnobotânica também estuda os nomes e os diferentes processos de denominação das plantas. Em sentido amplo, esta disciplina investiga as relações estabelecidas entre as

plantas e as sociedades humanas, ou seja, como os seres humanos integram as plantas em suas práticas culturais (Alexiades, 1996).

No final do século XIX, nos Estados Unidos da América, a denominada “botânica aborígene” despertava interesse na comunidade científica, particularmente entre antropólogos e arqueólogos. Na Exposição Mundial de Chicago (1893), foi exibida uma coleção de artefatos e matérias-primas com origem nas estações arqueológicas americanas. Esta coleção incluía a Coleção Hazzard, dos *Pueblos* do Colorado, que foi, posteriormente, enviada para a Universidade da Pensilvânia, onde o botânico John Harshberger (1869-1929) teve a oportunidade de a estudar.

Em dezembro de 1895, Harshberger proferiu uma palestra na Associação de Arqueologia da universidade, na qual utilizou pela primeira vez o termo “etnobotânica”, definindo-a como o estudo das “plantas utilizadas pelos povos primitivos e aborígenes”. Em 1896, estabeleceu quatro objetivos fundamentais para a Etnobotânica: (1) elucidar o estágio de desenvolvimento cultural das tribos com base no uso das plantas e produtos derivados; (2) estudar a distribuição das plantas no passado; (3) compreender as antigas rotas comerciais que facilitavam o intercâmbio de plantas e produtos vegetais; (4) investigar o uso de plantas cujas propriedades ainda não foram totalmente compreendidas (Harshberger, 1896).

A concepção etnobotânica de Harshberger não incorporava o estudo dos impactos da civilização ocidental nas sociedades indígenas, nem a aceitação de que as atividades culturais e econômicas locais seriam, com o tempo, influenciadas, ou assimiladas, pela cultura e economia nacionais.

No século XX, Richard Evans Schultes (1915-2001), professor na Universidade de Harvard, tornou-se o paradigma da investigação etnobotânica. Durante seus estudos, conduziu pesquisas sobre o uso de alcaloides do **cacto peiote** (*Lophophora williamsii*) pelos índios Kiowa, e, mais tarde, desenvolveu investigações na floresta Amazônica, durante a Segunda Guerra Mundial, ao serviço do governo dos EUA, para procurar borracha natural. As suas observações e investigações culminaram na

publicação de sua obra *The Healing Forest* (1990), que se tornou um clássico nesta disciplina (Schultes; Raffauf, 1990).

O século XX viu o surgimento de três grandes escolas etnobotânicas, que se distinguiram por suas diferentes concepções, objetivos e metodologias. Essas escolas buscavam responder a necessidades acadêmicas, políticas e socioeconômicas: (1) Escolas que abordaram a pesquisa de forma acadêmica, visando descobrir novos recursos para as sociedades industrializadas (Schultes, 1988); (2) Escolas que enfocaram o serviço às populações locais e à economia regional (Xolocotzi, 1971; Toledo, 1995); e (3) Escolas de pesquisa e ação participativa, que procuraram integrar ativamente os investigadores nos contextos sociais, culturais e econômicos em que as plantas desempenhavam um papel (Martin, 1995).

A Etnobotânica caracteriza-se pela sua natureza intrinsecamente interdisciplinar, integrando domínios como a Botânica, a Antropologia, a Ecologia, a Geografia (física e humana), a Farmacologia, a Fitoquímica, a Etimologia, entre outros. Esta abrangência dificulta a delimitação precisa do seu campo de atuação já que as investigações contemporâneas em Etnobotânica abordam temáticas diversas e desempenham um papel fundamental nas estratégias atuais de conservação dos ecossistemas naturais e agrícolas.

Devido à diversidade de suas aplicações, não existe uma única metodologia teórica capaz de responder às complexas questões suscitadas pela Etnobotânica. O investigador deve selecionar a abordagem mais apropriada para o seu campo de estudo, adaptando-a às condições e situações específicas nas quais as plantas intervêm dentro de um determinado contexto cultural.

A Etnobotânica nasceu de observações botânicas realizadas por exploradores, comerciantes, missionários, naturalistas e cientistas que documentaram e sistematizaram os usos das plantas em comunidades distantes dos centros científicos tradicionais. A crítica mais comum aos estudos tradicionais da Etnobotânica, indicando que se concentram na catalogação dos usos das plantas, muitas vezes

subestima duas questões essenciais: primeiramente, que a compilação de dados é a base de qualquer ciência natural, pois sem um inventário sistemático, qualquer questão teórica se torna insustentável e, também, que a Etnobotânica é uma ciência multidisciplinar de descoberta, cujas contribuições têm tido um impacto discreto, mas significativo no bem-estar da humanidade. Por exemplo, cerca de um quarto dos fármacos contemporâneos têm origem na medicina tradicional, baseada em plantas (World Health Organization, 2013).

Uma área de estudo relativamente recente, na qual a Etnobotânica tem vindo a adquirir crescente relevância, é o estudo dos fitônimos (Carvalho, 2023, p.11), o que também se estuda em meio aos nossos estudos do léxico, da Onomástica e de Terminologia. Os fitônimos são unidades lexicais que designam plantas ou partes de plantas numa determinada língua ou variedade linguística. O termo deriva do grego *phytón* (planta) e *ónyma/ónoma* (nome), sendo, portanto, equivalente a “nomes de plantas”. Estes nomes podem assumir diversas formas — desde designações científicas (baseadas na nomenclatura binomial de Lineu) até nomes comuns ou populares utilizados pelas comunidades locais.

Do ponto de vista linguístico e etnobotânico, os fitônimos constituem um campo de estudo particularmente relevante, pois refletem a percepção cultural, simbólica e utilitária que os diferentes grupos humanos desenvolvem em relação ao mundo vegetal. Conforme vemos na revisão de Cavalcante; Scudeller (2022), frequentemente, os fitônimos incorporam elementos descritivos associados ao aspecto morfológico da planta, ao seu *habitat*, às suas propriedades medicinais ou alimentares, bem como a usos rituais ou crenças populares. A análise dos fitônimos, em enfoque etnobotânico, permite, assim, estabelecer pontes entre a Botânica e a Linguística, evidenciando-se relações entre o conhecimento científico e o saber tradicional.

Entre vários tipos de estudos sobre plantas (que não se esgotam nas plantas medicinais), o reconhecimento dos usos da flora medicinal (Cavalcante; Scudeller, 2022), em Etnobotânica, normalmente é baseado no levantamento de dados sobre os

conhecimentos populares, quase sempre transmitidos oralmente. Reconhecer e sistematizar saberes e os modos de os dizer e narrar, em suas diferentes instâncias, como fazem os etnobotânicos, em contato direto com diferentes comunidades, pode ser útil para reforçar, por exemplo, a comunicação e as trocas entre especialistas da Saúde Pública e diferentes comunidades tradicionais. E este seria mais um rico ponto de enlace entre Sociolinguística, Lexicologia, Botânica e a Etnoterminologia.

Desse modo, os fitônimos são uma importante fonte para o estudo da história cultural e da própria Etnobotânica. Afinal, revelam práticas ancestrais de interação com o ambiente natural, muitas vezes invisíveis nos registros históricos formais (Pazlitdinova, 2017; Surguladze; Kakhidze 2019). Esse tipo de estudo, em especial, será correlacionado com a nossa pesquisa linguístico-terminológica de manuais e guias médicos publicados em português entre os séculos XVIII e XIX. Esses manuais estão repletos de indicações sobre plantas em meio a reflexões e orientações médicas sobre diferentes doenças e seus tratamentos.

5.1 Desvendando etnotermos em não-ficção

A construção científica com algum aproveitamento de saberes populares, mesmo para os contrapor ou refinar, é um tema recorrente em diferentes ciências. Por exemplo, no estudo de Cavalcante; Scudeller (2022), relata-se uma revisão de artigos e trabalhos científicos atuais da Etnobotânica do Brasil, apontando-se que a maioria recorreu a entrevistas com pessoas de comunidades tradicionais. Reconhece-se que é uma necessidade para se obter informações-chave relativas a usos, preparos e propriedades de plantas medicinais. Nos trabalhos reunidos, compondo um estado da arte, foram entrevistados, por exemplo, representantes de povos originários e tradicionais, mateiros, curadores, rezadeiras, benzedeiras, parteiras e puxadeiras⁶.

⁶ Pessoa que pratica o que se conhece como a "puxada", uma prática de massagem na saúde tradicional, especialmente na Amazônia, para restabelecer um órgão supostamente deslocado, após o parto ou por

Nos registros desses inquéritos com pessoas, abrigados e estudados pela ciência acadêmica nacional e internacional, convivem e dialogam termos científicos e populares. Acolhe-se a percepção dos entrevistados com a devida ponderação científica dos biólogos, botânicos, profissionais da Saúde e de outros especialistas.

A partir do enlace e diálogo entre uma ciência *stricto sensu* e o acolhimento de repertórios de conhecimentos tradicionais, Etnobotânica e Etnoterminologia poderiam juntar-se em torno de unidades lexicais de interesse comum. Uma abordagem descritiva, que busca a “vida própria” dos termos em seu contexto cultural, é uma convergência possível. O estudo de França (2024), por exemplo, associa a Etnoterminologia à Ecolexicologia para analisar o vocabulário fitonímico em Jorge Amado. Por sua vez, o trabalho de Costa e Gomes (2013) se diferencia ao propor uma caracterização de etnotermo com foco no “alto grau de tecnicidade” de saberes de comunidades indígenas, contrapondo suas percepções a outras visões etnocêntricas.

Nesses encontros, o conhecimento científico-acadêmico, o saber popular – que também hoje muito recorre ao emprego de termos científicos – e o valor atribuído e construído em um dado recorte narrativo conformam uma significação peculiar associada a uma denominação. Assim, em outro exemplo, que pode ser o de um estudo geossociolinguístico ou dialetológico⁷, para uma parteira quilombola experiente, pouco proficiente na leitura ou escrita do português do Brasil, a doença reconhecida como diabetes é algo que ela definirá, genericamente, como “açúcar no sangue”. Já, para o biólogo, etnobotânico ou médico que a entrevistar, a mesma doença poderá ser associada, especificamente, ao termo Diabetes Mellitus Gestacional (DMG), uma

outras causa. Mais detalhes em <https://oimacto.com.br/2018/07/19/em-extincao-puxadeiras-ainda-sao-referencia-em-saude-na-amazonia/> Acesso em 15 Set. 2025.

⁷Estudos de Geolinguística como os da saudosa Suzana Alice M. Cardoso (Cardoso, 2017) conectaram os estudos lexicais para diferentes atlas linguísticos de regiões do Brasil, como o Projeto do Atlas Linguístico do Brasil – ALIB (disponível em: <https://alib.ufba.br/>), ao reconhecimento sobre o papel das línguas nas comunidades que as utilizam.

condição metabólica transitória caracterizada pela intolerância à glicose que inicia durante a gestação.

A distinção e pontos de contato entre o saber popular da parteira quilombola e o conhecimento acadêmico do profissional da Saúde ilustram a própria concepção do etnotermo. Há uma clara convergência sobre o seu estatuto híbrido que simultaneamente atua como vocábulo comum e como termo de uma área de especialidade, seja tal especialidade espelhada no folclore, na literatura de fantasia, no léxico sertanista ou na fitonímia (Carvalho, 2013; Carneiro, 2016; Pimenta, 2019; França, 2024). Essa dupla funcionalidade é o cerne da Enoterminologia para a maioria dos seus autores, que a veem como uma ferramenta e referência para descrever o valor cultural, social e identitário contido nesses termos e conceitos diferenciados, conforme discutido nos trabalhos de Pimenta (2019) e Carneiro (2016).

No entanto, a concepção do etnotermo não é uníssona. Uma importante divergência teórica, como a apresentada por Costa e Gomes (2013), contrapõe-se a essa visão ao defender que os etnotermos de comunidades tradicionais e povos originários do Brasil extrapolam a condição de “quase-termos” ou de vocábulos com valor simbólico. Para esses autores, as terminologias do sistema de cura Munduruku, por exemplo, possuem um “alto grau de tecnicidade e cientificidade”. Por isso, rejeitam a ideia de que o conhecimento de tais povos seria meramente folclórico, menos rigoroso ou “menor” que o conhecimento acadêmico ocidental. O que seria igualmente aplicável aos conhecimentos da parteira quilombola antes mencionada.

Portanto, o etnotermo emerge desses estudos como uma unidade de significado complexa e multifacetada, podendo ser tão especializado e conceitualmente complexo quanto qualquer outro termo especializado. Sua caracterização converge na sua natureza híbrida e no seu forte vínculo com o saber cultural, mas diverge fundamentalmente no estatuto que lhe é atribuído: para alguns, é um vocábulo carregado de valor simbólico (conectado a um universo etnoliterário), enquanto, para outros, é um termo rigoroso de uma ciência original e autóctone, exigindo uma

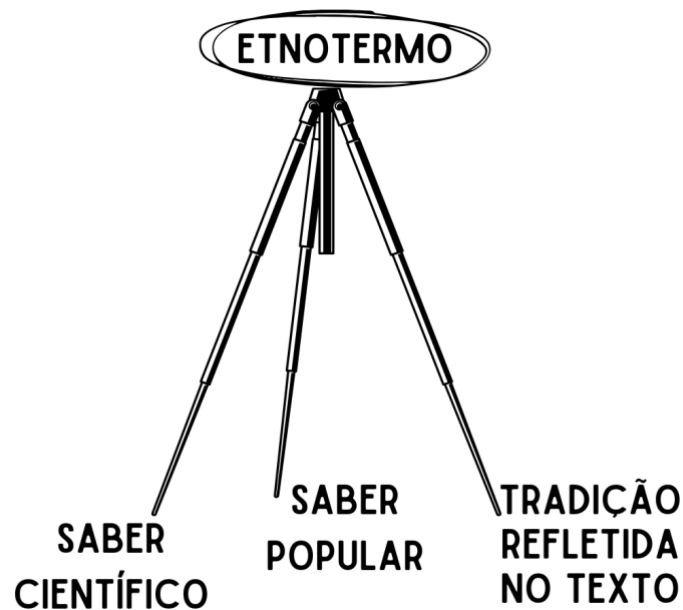
abordagem metodológica que valorize a ciência de cada povo em seus próprios termos (Costa e Gomes, 2013).

Essa divergência fundamental no estatuto do etnotermo não deve ser vista como uma contradição, mas, sim, como um indicativo da riqueza do debate e da necessidade de se avançar na sua conceituação. As diferentes abordagens encontradas nos trabalhos já citados – seja a aplicação à literatura de fantasia (Carneiro, 2016), a vinculação à Ecolinguística ou a redefinição baseada na tecnicidade dos saberes indígenas ou tradicionais altamente estruturados (Costa e Gomes, 2013) – demonstram a robustez das reflexões.

Para que a Etnoterminologia possa ser uma abordagem ou uma ferramenta metodológica ainda mais eficaz, é preciso reconhecer e equacionar essas distintas perspectivas e valores. Necessita-se de um arcabouço teórico-metodológico robusto e capaz de abarcar a complexidade e a diversidade de contextos culturais nos quais essas unidades lexicais se manifestam, são cunhadas e se movimentam.

Especialmente a partir do exame dos estudos de Fromm (2020) e de seus colaboradores em torno de terminologias de discursos ficcionais, mais ou menos científicos, uma significação etnoterminológica tridimensional – composta de elementos científicos, populares e literários, poderia ser estendida a outros cenários textuais, como os relatos científicos e acadêmicos que os contenham. Esse triplo suporte em ação poderia ajudar a esclarecer a condição dos **etnotermos**. A Figura 1, a seguir, é uma proposta que tenta resumir essa interação:

Figura 1 – a condição de etnotermo.



Fonte: dos autores com uso da plataforma *Canva*.

Conforme mencionado, tal tripé poderia apoiar uma provável definição inicial para o que seria um **etnotermo** e para os elementos que o perfazem, quais sejam:

- i) Saber científico: fornece uma base teórica, epistemológica e metodológica para a sistematização e análise dos etnotermos. O conhecimento científico acadêmico contribui para a definição, categorização e contextualização dos valores desses termos, possibilitando sua incorporação e funcionamento em linguagens especializadas;
- ii) Saber popular: é o reservatório das experiências vividas e dos conhecimentos cotidianos das comunidades, passados entre gerações. Ele se manifesta em vocábulos, expressões e práticas orais que refletem a realidade, a criatividade e a adaptabilidade dos povos e das comunidades. Essa dimensão enriquece os etnotermos ao conferir-lhes uma flexibilidade que os torna relevantes para a comunicação no dia a dia, além de marcar e ajudar a preservar saberes locais, patrimônios materiais e imateriais e heranças sócio-históricas;

iii) Tradição refletida no texto, relato ou narrativa: a narrativa, como a que se encontra do texto do manual médico antigo ou no relato transcrito de uma parteira quilombola sobre uso de compressas de chá de camomila para lactantes, une experiências de um passado ao presente, funcionando como um espelho-testemunho ou *frame* de memórias e saberes coletivamente construídos. Essa tradição, exposta em narrativas, encapsula práticas, rituais e sistemas de valores que, transmitidos de geração em geração, tanto expressam quanto moldam uma identidade cultural.

Quando esses três pilares – saber científico, saber popular e espelhamentos narrativos da tradição e experiências – se articulam via linguagem, a tendência seria perceberem-se, também, **etnotermos**. Com eles, evidenciam-se elementos lexicais e vocabulares dinâmicos e multifuncionais que transitam entre diferentes discursos, sejam eles especializados ou não especializados.

Ainda assim, mesmo no âmbito do isolamento de relatos populares reunidos e sistematizados para diferentes fins, como para compor um atlas linguístico, esses elementos não apenas podem evocar as terminologias específicas de um saber-fazer tradicional, mas também funcionam como documentos vivos que evidenciam a complexa interação entre conhecimentos e saberes diferentes.

Este modelo inicial, como um tripé, permitiria desvendar como o saber científico e o saber popular se fundem em uma unidade lexical a partir do contexto discursivo em que ela se encontra. Nesse processo, a distinção entre etnotermo, termo especializado e vocábulo popular se revela crucial, pois cada um representaria um estatuto lexical distinto – ou uma faceta sua – e que se manifestam mais ou menos em tipos de discursos particulares.

Para ampliar os estudos de Etnoterminologia desenvolvidos no Brasil, essa diferenciação pode ser fundamental. O vocábulo popular é a palavra da língua em geral, de uso comum e, por isso, polissêmica. O termo especializado, por outro lado, pertence a uma linguagem técnica ou científica, buscando-se precisão, delimitação e univocidade. A Etnoterminologia dedica-se à unidade lexical que manifesta tal

plurifuncionalidade, atuando simultaneamente como vocábulo e como termo com especificidade cultural em diferentes cenários, geralmente ficcionais, mas que também podem ser textos e registros não-ficcionais.

5.2 Uma metodologia para tratar ou validar candidatos a etnotermos

A distinção teórica entre os estatutos lexicais — vocábulo popular, termo especializado e etnotermo tende a ser um ponto de partida para a instrumentalização metodológica da Etnoterminologia em novos cenários discursivos. A fim de operacionalizar essa taxonomia em um estudo de caso com narrativas não ficcionais, é preciso ir além da categorização e propor uma ferramenta de investigação sistemática.

Nesse sentido, a grade de análise que apresentamos a seguir, fundamentada no tripé conceitual que articula o saber científico, o saber popular e a narrativa, pode ser um percurso metodológico inicial para a identificação e a caracterização dos etnotermos.

A proposta de um método para a identificação de etnotermos se desdobraria em três etapas principais. A primeira é a *Análise da Unidade Lexical e do Contexto*, que parte da identificação da palavra ou expressão em questão e de sua manifestação na narrativa em foco associada a saberes, conhecimentos ou técnicas. Nesse estágio, o exame da construção do sentido de forma transfrástica é crucial, pois permite verificar significados em camadas contextuais.

A segunda etapa é a *Análise do Conhecimento Popular*, com o objetivo de verificar valores e funções da unidade lexical candidata a etnotermo, como um vocábulo na língua em geral e sua eventual conexão com algum imaginário ou representação coletivos. Nesta etapa, busca-se identificar se uma dada palavra ou expressão está ligada a tradições, mitos ou crenças e se ela carrega uma carga simbólica, pedagógica ou moral que sustenta a transmissão cultural do saber popular.

A terceira etapa, por sua vez, foca na *Análise do Conhecimento Científico*, investigando se a unidade lexical candidata a etnotermo também atua ou participa do estabelecimento de um termo em sentido estrito, mesmo que ele esteja inserido somente em um saber de técnica. Um exemplo seria a nomeação e a descrição de um tipo de técnica de cocção da argila para produzir determinados tipos de vasos cerâmicos. A análise aqui visaria identificar a pretensão de formalidade ou sistematização do discurso e, mais importante, a tensão dialética manifestada via palavra, ponto de encontro e de diferença entre as duas formas de conhecimento: o científico e o popular. A inserção da unidade exemplificada em um sistema conceitual específico, como proposto por Esperandio (2015) e Carneiro (2016), pode prestar uma boa contribuição nessa etapa.

Por fim, sintetizam-se os achados. Nesta etapa, validar-se-ia a classificação da unidade lexical como um etnotermo somente se o item demonstrar a plurifuncionalidade, ou seja, se manifestar, simultaneamente, características de vocábulo e de termo.

6 Etnotermos em narrativas médicas não-ficcionais dos séculos XVIII e XIX

Conforme Pais e Barbosa (2004), a perspectiva etnoterminológica é especialmente produtiva quando aplicada a discursos que não se encaixam de forma rígida nas tipologias tradicionais. A viabilidade de examinar manuais médicos dos séculos XVIII e XIX como portadores de etnotermos reside na forma como eles se inserem na tensão entre os discursos sociais não literários e os discursos literários.

Os discursos sociais não-literários, dos quais os manuais médicos em foco são um exemplo, operam tradicionalmente com o objetivo de informar, prescrever ou descrever o mundo de forma objetiva, sendo discursos técnico-científicos. Os discursos literários, por sua vez, têm uma função estética e associam-se à criação de mundos ficcionais. Por outro lado, o discurso etnoliterário parece surgir da intersecção desses

dois polos, manifestando-se, ao mesmo tempo, como relatos tidos como ficcionais e como portadores de verdades universais e de saberes coletivos.

Nesse contexto, os manuais e guias médicos antigos em estudo trazem relatos e histórias sobre o enfrentamento de doenças que dialogam diretamente com saberes populares e práticos, uma vez que suas publicações eram consultadas tanto por profissionais quanto por leigos. A Medicina Doméstica do século XIX, em particular, ilustra esse ponto de contato entre o saber formal, acadêmico e científico, e os saberes tradicionais. A análise de potencial etnoterminológico, nessas fontes, é justificada porque a linguagem desses manuais é plurifuncional, misturando termos formais com um vocabulário profundamente enraizado em sistemas de crenças e valores culturais.

A partir de um *corpus* amostral digital⁸, composto pelo acervo de estudo do Projeto Terminologia Histórica (Finatto, 2018), explora-se o conteúdo lexical de obras médicas dos séculos XVIII, impressas em Portugal, e XIX, impressas no Brasil. Essas obras estão destacadas a seguir, em dois conjuntos de exemplos:

a) **Conjunto I** – século XVII – obras impressas em Portugal: *Observações Médicas e Doutrinárias* (Semedo, 1707), *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (Semedo, 1721), *Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros* (Santiago, 1741) e *Aviso à gente do mar sobre a sua saúde* (Mauran; Carvalho, 1794);

b) **Conjunto II** – século XIX — obras impressas no Brasil: *Manual do fazendeiro, ou, Tratado domestico sobre as enfermidades dos negros* (Imbert, 1834, volume único); *Manual do fazendeiro: ou Tratado domestico sobre as enfermidades dos negros, generalisado ás necessidades medicas de todas as classes* (Imbert, 1839, dois volumes).

O exame do conteúdo textual desses dois conjuntos tem permitido identificar, entre vários elementos, um vocabulário ancorado também em práticas populares de

⁸<https://sites.google.com/view/projeto38597>

cuidado de diferentes épocas e culturas. Neles é frequente também a menção a saberes botânicos, sejam os construídos em cenários acadêmicos ou aqueles transmitidos oralmente por meio das experiências cotidianas dos autores em casos de atendimentos que envolviam a escuta dos doentes atendidos e das pessoas a eles ligadas.

Em meio a diversos termos botânicos, chama atenção a recorrência de designações variantes e populares para uma mesma planta. Isso talvez buscasse ajudar os leitores da época na sua identificação de propriedades e usos. A variabilidade de nomes de plantas, mencionadas pelos médicos-autores, também espelha os seus conhecimentos, construídos em diferentes locais acadêmicos e em variados contextos de práticas, no caso, entre Portugal e Brasil. Entre vários casos verificados nesse *corpus* de estudo, destacamos, a seguir, as denominações para uma mesma(?) planta chamada *malvaíско*, *malvarisco*, *malvavisco* ou *malva-visco*.

6.1 Malvaíско e suas variantes

Nos manuais em exame, encontramos diversos contextos e indicações sobre seus usos medicinais⁹. Em consulta à versão *on-line* do dicionário *Michaelis* – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (Michaelis, 2025), observamos as seguintes informações sobre esta planta:

Quadro 1 - verbete *malvaíско*.

Acepção	Nome Científico (se aplicável)	Descrição	Sinônimos/Observações
1	<i>Malvaviscus arboreus</i>	Planta arbustiva da família das malváceas, nativa da América tropical. Possui folhas vermelhas com dois lobos arredondados e base reentrante. Muito usada para cercas vivas.	Malvarisco, Malvavisco
2	<i>Pavonia hastata</i>	Pequeno arbusto da família das malváceas, nativo da Argentina, Brasil e Paraguai. Sua raiz é rica em mucilagem, tem folhas serreadas, flores solitárias cor-	Rosa-do-campo

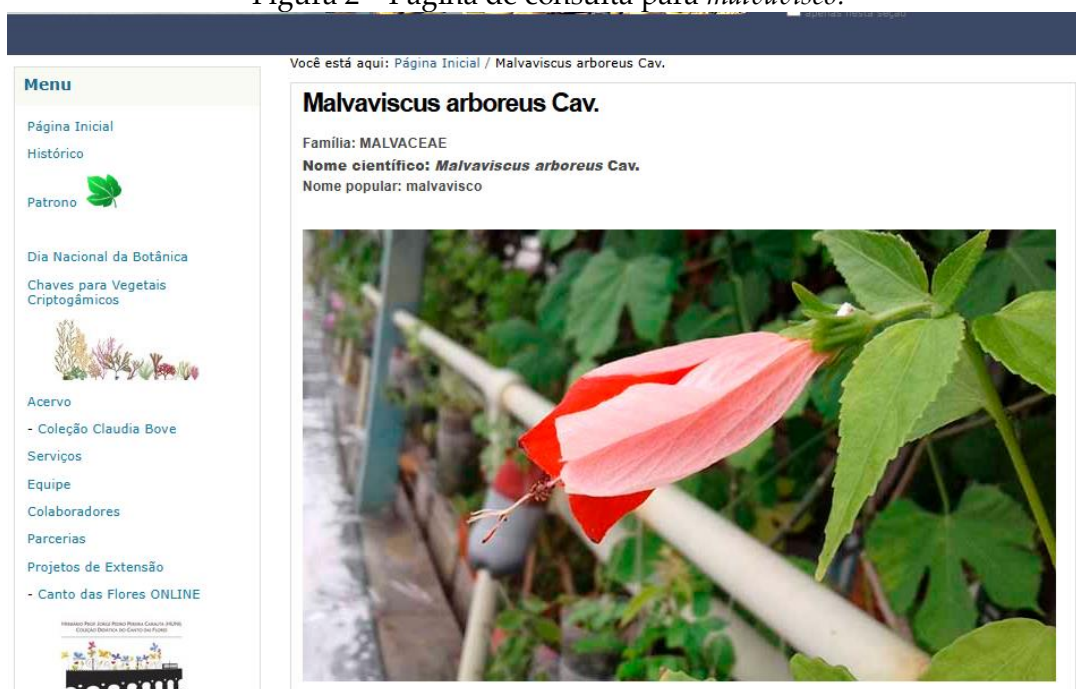
⁹ Para mais detalhes sobre a metodologia e as ferramentas de Lexicometria empregadas, recomenda-se consultar Lazzari; Finatto (2023).

		de-rosa e purpúreas na base, e frutíolos globosos.	
3	<i>Wissadula hernandioides</i>	Grande arbusto da família das malváceas, nativo do Brasil. Apresenta folhas elípticas, flores alvas ou amareladas dispostas em panículas e pequenos frutos cobreados.	Malva-branca, Malva-taquari, Paco-paco
4	N/A	Refere-se à acepção 1 de malvavisco.	Ver malvavisco, acepção 1
5	N/A	Refere-se à acepção 1 de mático.	Ver mático, acepção 1
6	N/A	Refere-se à acepção 5 de saca-rolhas.	Ver saca-rolhas, acepção 5
7	N/A	Refere-se a rosa-marinha.	Ver rosa-marinha
8	N/A	Refere-se a vassourinha-miúda.	Ver vassourinha-miúda
9	N/A	Uso regional (Alagoas e Pernambuco) para guaxima-roxa.	REG (AL, PE) Ver guaxima-roxa
Etimologia	N/A	A palavra “malvaíscos” é uma alteração de malvavisco.	Origem da palavra

Fonte: adaptado de Michaelis (2025).

Por outro lado, recorrendo às informações de um herbário acadêmico brasileiro, na UNIRIO, que oferece informações botânicas e etnobotânicas *on-line*, há uma série de imagens e informações sobre um vegetal, cujo nome popular é *malvavisco*. Isso é o que resumimos nas Figuras 2 e 3 e nos trechos selecionados do texto descritivo que as seguem:

Figura 2 – Página de consulta para *malvavisco*.



Fonte: Herbario Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta – HUNI - UNIRIO (2024) – Fotos: Ricardo Cardoso Antonio.

Figura 3 – arbusto do *malvavisco*.



Fonte: Herbario Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta – HUNI - UNIRIO (2024) – Fotos: Ricardo Cardoso Antonio.

Malva viscus arboreus, o popular **malvavisco**, é uma espécie originária da América Central e do norte da América do Sul, cultivada como ornamental nas regiões tropicais e subtropicais de todo o mundo. Por apresentar alta variabilidade morfológica individual, tanto nas populações naturais como nas plantas cultivadas e em espécimes de herbário, é comum encontrar, em referência a esta espécie, a denominação de "Complexo *Malva viscus arboreus*", uma vez que não é possível distinguir diferentes unidades taxonômicas entre suas variantes. (...)

O **malvavisco** se apresenta, comumente, como um arbusto ereto ou trepador, atingindo até 5 m de altura, com caule basal lenhoso, muito ramificado, e ramos distais herbáceos. (...) Pela sua folhagem rústica e pelo seu florescimento abundante e vistoso, atraindo fortemente borboletas e beija-flores, o **malvavisco** é muito usado como ornamental em projetos paisagísticos, formando cercas-vivas, acompanhando muros ou formando maciços (...)

O **malvavisco** é também uma PANC: suas flores e folhas jovens são comestíveis em saladas; quando secas, podem ser usadas para o preparo de chás; as flores ainda são usadas como ornamentação comestível de pratos e no preparo de geleias. Na medicina tradicional, o **malvavisco** é usado como anti-inflamatório no tratamento de problemas bucais e também indicado para amenizar problemas respiratórios, como bronquite e tosse. Seu chá é recomendado para banhos, em caso de doenças de pele, e para problemas gastrointestinais; a mucilagem das flores é indicada em casos de diarreia, podendo ser sugada diretamente das flores. Possui alto teor de vitaminas A, B, C e K, fibras e minerais.

Não bastassem tantos predicaços, o **malvavisco** ainda é uma planta cerimonial. Suas pétalas são usadas na ornamentação de arcos e flechas, na aspersão de líquidos em rituais religiosos e usadas como oferenda nas cerimônias hindus de adoração, as chamadas *pujas*: as flores vermelhas são oferecidas aos deuses como uma reverência, em troca de sua benevolência. **No Candomblé, é considerado uma planta de Omulu, o orixá que domina o território das enfermidades e das curas, sendo usado para banhos de cura em pessoas com enfermidades cutâneas.**

O nome do gênero, *Malva viscus*, origina-se da união dos nomes dos gêneros *Malva* e *Viscum*. Malva é um gênero de Malvaceae, provém do grego μάλαχη (*malákhe*), de pronúncia parecida com o grego μᾶλάσσω (*malás*), que significa suavizante, calmante, benevolente, tradicionalmente ligado a algo que pode expulsar o mal por suas propriedades officinais. *Viscum* é o nome latino do visco (*Viscum album* - família Santalaceae), proveniente do grego ἰξός (*ixós*), uma espécie hemiparasita que possui frutos pegajosos com propriedades medicinais. A união dos dois nomes identifica uma malvácea pegajosa, em referência à substância transparente e viscosa das flores e folhas do **malvavisco**. Seu epíteto específico, *arboreus*, indica seu caule lenhoso e porte arbóreo. O nome popular é a forma vulgar do nome genérico. No exterior, dentre outras denominações, é conhecido como *wax mallow* (malva de cera), *Turk's cap* (touca de turco), ou *sleeping hibiscus* (hibisco adormecido) pelo fato das flores estarem sempre fechadas.

Malvavisco. O hibisco adormecido. A bela adormecida do jardim: uma malva viscosa. Flores vermelhas com pétalas de geleia doce embebecendo borboletas e

beija-flores. Flores de oferenda enfeitando ramos de folhas que curam. Flores pendentes, como lágrimas açucaradas. Flores semi-cerradas, como olhos, quando simulam torpor e fingem não ver...Autoria: Sandra Zorat Cordeiro (2020).

Fonte: Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta – HUNI - UNIRIO (2024)

Com tais informações em mente, vejamos agora alguns contextos do nosso *corpus* histórico com alguns comentários nossos sobre tais usos medicinais da planta associada ao termo. Os contextos, para fins de exemplo, adotam uma formatação simplificada, sem rigor filológico e a devida translineação, para economia de espaço, com destaque em negrito para o item em foco:

Semedo (1707)

Doença/ condição em foco: Cólica nefrítica, com ardores, contínuos desejos de urinar e vomitar, além de picadas na bexiga.

10. A terceira coufa he, que quando tomarem algum banho, ou femicupio eftando no actual accidente, para alargar as veas ureteras, ou as emulgentes, & facilitar a fahida da pedra, fe fará o tal banho de cozimento daquellas ervas, que tiverem virtude, & propriedade de abrir as vias, & provocar as ourinas, como jaõ rabãos, pimpinella, alfavaca de cobra, amendoas doces, **malvaifco**, linhaça gallega, & boa quantidade de azeite; [...]

Sobre o contexto de uso: O *malvaísc* é incluído em banhos terapêuticos para dilatar as vias urinárias e facilitar a passagem de pedras, conforme o relato, graças às suas propriedades diuréticas e emolientes.

Semedo (1721)

Doença/condição em foco: Mamas com tumores schirrhzos.

As folhas da mostarda brava, chamada Rincham, & applicadas; ou o emplastro das mesmas cozidas com hidromel, he hum admiravel segredo. De mucilagem de folhas de lirios brancos, & de **malvaifco**, em que se tenha cozido oleo de lirio, ajuntando lhe pouca cera, he remedio prezentaneo, & excellente tambem para rezolver o leyte dos peytos, quando por sua dureza se não póde dar de mammar. De oleo rozado tres onças, de femente; de dormideyras brancas huma onça, de opio hum escropulo, de goma Arabia duas oytavas, de cera [...]

Sobre o contexto de uso: O *malvaisco* é componente de um remédio natural para o tratamento de *tumores schirrhosos* nas mamas, devido às suas propriedades emolientes e suavizantes. Um emplastro feito com a planta era aplicado para ajudar a amolecer o tecido endurecido e resolver problemas relacionados à secreção do leite. A combinação com *óleo de lírio* e *cera* provavelmente visava ainda ajudar a suavizar a pele.

Mauran; Carvalho (1794)

Doença/condição em foco: Dores do reumatismo.

Fórmulas, ou Receituário (...) N.º 18. Linimento simples para o Rheumatismo. Tomai oleo de minhocas, e de loureiro de cada hum huma onça; unguento de althea, ou **malvaisco** meia onça; misturai tudo, e fazei-o aquecer; pode-se ajuntar a este linimento meia onça de balsamo tranquillo. Para fazer bem as unturas he preciso em primeiro lugar esfregar bem a parte com hum panno quente, depois com a palma da mão untada do linimento; quando a mão começa a seccar-se; e que o linimento tem penetrado, enxuga-se a mão com papel pardo, e applica-se este sobre a parte dorida, e esta depois cobre-se com huma toalha quente.

Sobre o contexto de uso: O *malvaíско* (ou *althea*?) é utilizado por sua propriedade anti-inflamatória e calmante, aplicado para tratar dores musculares e articulares, como no caso do **reumatismo**. Combinado com *óleo de minhocas* e *óleo de loureiro*, o malvaíско, conforme o registro, contribuiria para a formulação de uma mistura que, quando aplicada à pele, ajudava a aliviar a dor e a rigidez das articulações. A aplicação do linimento envolve massagem, que, com as propriedades suavizantes do *malvaíско*, promoveria alívio muscular.

Imbert (1834)

Doença/condição em foco: Disenteria e inflamações do intestino, analgésico.

CAPÍTULO IV. Medicina dos negros. — Da Dysenteria.

No primeiro periodo, as dôres do ventre, a febre, o calor e seccura da pelle, as frequentes dejeccões e ares, annunciação que a irritação ou inflammação dos intestinos tem subido ao mais alto gráo. Aproveita então huma sangria local sobre o ventre, ou no anus, seja com sanguisugas, seja com ventosas, e repeti-la no seguinte dia se os symptomas continuarem. Administra se ao mesmo tempo algumas chavenas de cosimento de cevada, de borragem, de **malvaisco**, de sementes de linhaça, &c., adoçado com charope de gomme arabica.

Sobre o contexto de uso: *malvaíско* entra tratamento da disenteria (apresentada como inflamação dos intestinos, evacuações frequentes e sanguinolentas, e outros sintomas graves). Ajudaria a suavizar as mucosas intestinais irritadas e inflamadas, reduzindo a dor e a inflamação. Aparece

como ingrediente de um cozimento, combinado a sementes de linhaça, cevada, borragem, adoçados com xarope de goma-arábica. Essas bebidas deveriam ser administradas ao paciente para acalmar o trato digestivo, reduzir a irritação e promover a hidratação. Além disso, o *malvaíско* entrava em cataplasmas e compressas aplicadas no ventre para aliviar a dor e a inflamação local.

Imbert (1839, v.1)

Doença/condição em foco: Adjuvante na hidratação, inflamações diversas.

(...) Assim entre as substancias diluentes, que devem formar a bebida principal do doente, emprega-se mais frequentemente as seguintes: raiz de alcaçuz, de **malvaíско**, as extremidades da burracha, a capilaria, flores de violeta, o caldo branco, a cevada, a linhaça, a gomme arabica, o arrô, a gomme adragante, a agoa de frango, de vitella, &c. Entre estas tizanas, humas ha que parecem ter huma ligeira acção especial, humas sobre a pelle, como a burracha, a viola; outras sobre os órgãos urinarios, como a linhaça; algumas sobre os intestinos, com a agoa de frango, de cevada, &c.; outras em fim sobre o peito, como o **malvaíско**, a capillaria, &c.

Sobre o contexto de uso: malvaíско ocorre em um capítulo sobre tratamento de doenças, com receitas e modos de preparos. *Malvaíско* é listado como uma substância diluente que forma a “bebida principal do doente”. É uma das plantas com efeito específico no sistema respiratório, com ação sobre o peito, com provável auxílio no alívio de congestão pulmonar, facilitando expectoração, por exemplo. Vemos *raíz de malvaíско*. E *malvaíско* em tisanas (infusões de ervas aromáticas, frutas, cascas, flores ou especiarias, mergulhadas em água quente ou fervida). Tisanas e infusões, hoje, no

Brasil, tornaram-se alternativa populares ao chá preto tradicional, pois geralmente não contêm cafeína. Todavia, é ainda muito usual o pedido, o uso e a comercialização de um *chá de camomila*, que nos países do Prata se pede pela palavra *infusión*.

Imbert (1839, v.2)

Doença/condição em foco: Tratamento de inflamações no estômago.

Capítulo - Da Gastrite.

A aplicação das sanguesugas, e as sangrias se repetem mais ou menos a miúdo, conforme mais ou menos diminui a inflamação. Devem as bebidas do doente ser emollientes, ou gommosas. Tanto que, cozimento de linhaça e raiz e **malvaisco**, agua pannada, a dissolução de gomme-arabica em agua quente, e infusões de flor de malvas, ou **malvaisco** adoçadas com hum xarope linitivo, como o de avenca, gomme arabica e **malvaisco**, serão as bebidas preferidas, tomadas frias, a miudo, mas em pequena quantidade.

Sobre contexto de uso: para reduzir a inflamação gástrica, por suas propriedades suavizantes e mucilaginosas.

Essas ocorrências em amostra, que se estendem nos textos médicos dos séculos XVIII e XIX, sugerem a presença recorrente de um mesmo elemento ou, talvez, de um conjunto de espécies próximas, nomeadas de modo variável em função de seu uso, região ou contexto discursivo. A flutuação das formas e diversidade de informações sobre suas propriedades e usos tradicionais tende a reforçar o interesse etnoterminológico em torno desse vegetal. O exame da recorrência desses usos e menções, com recursos lexicométricos, vai revelando pistas para sua identificação botânica e farmacológica em moldes científicos atuais.

O dicionário Michaelis (2025), antes referido, confirma a pluralidade semântica e referencial do termo botânico. Na entrada *malvaísc*, estão diferentes espécies vegetais, todas da família das malváceas, incluindo o *Malva viscosa arborea*, *Pavonia hastata* e *Wissadula hernandioides*, além de remissões a nomes populares como: *malvarisco*, *malvaisco*, *rosa-do-campo*, *vassourinha-miúda*, *guaxima-roxa*, entre outros. A etimologia informada também é reveladora: o termo seria uma alteração de *malvaisco*, combinação de “malva” (do grego *malákhē*, suavizante) com “visco” (do latim *viscum*, pegajoso), referindo-se à natureza mucilaginosa das partes da planta. A composição lexical revela desde sua origem a associação a propriedades terapêuticas como suavidade/suavizante, adesividade e efeito calmante.

Conforme o registro etnobotânico do herbário virtual da UNIRIO, a planta *Malva viscosa arborea* — provavelmente a espécie central por trás das menções históricas — apresenta alta variabilidade morfológica, sendo inclusive considerada um “complexo”, dado o número de formas cultivadas e naturais que escapam a uma única taxonomia rígida. Suas flores e folhas, ricas em mucilagem, são comestíveis e utilizadas na produção de chás, geleias e ornamentações, além de possuírem funções terapêuticas múltiplas: desde o alívio de problemas respiratórios e gastrointestinais até aplicações tópicas em casos de enfermidades cutâneas. Ainda mais significativo, em termos culturais, é o seu uso ritualístico — tanto em tradições afro-brasileiras, como no Candomblé (ligado ao Orixá *Omulu*), quanto em cerimônias hindus (pujas).

Com tais elementos em mente, mais a análise linguística dos contextos de uso nos manuais dos séculos XVIII e XIX, percebe-se como esse candidato a **etnotermo** circulava em práticas de cura associadas a diferentes narrativas de quadros clínicos. Em *Observações Médicas e Doutrinais* (Semedo, 1707), o *malvaísc* é indicado para banhos para aliviar cólicas renais e facilitar a saída de pedras, sugerindo propriedades diuréticas e anti-inflamatórias atribuídas à planta. Já em *Atalaya da Vida contra as Hostilidades da Morte* (Semedo, 1721), a mucilagem da planta integra a composição de emplastos para tratar tumores endurecidos nas mamas e dificuldades relacionadas à

amamentação — usos alinhados à função emoliente e suavizante indicada pela etimologia e pelos registros botânicos.

Em outra fonte do nosso *corpus*, *Aviso à Gente do Mar sobre a sua Saúde* (Mauran; Carvalho, 1794), obra específica para o atendimento de marujos e pessoas embarcadas, o *malvaísc* (ou *althea*?) aparece em fórmulas de linimentos destinados ao alívio do reumatismo. Agregado a um surreal *óleo de minhocas* e de loureiro, seu papel terapêutico se ancora na propriedade de penetrar e suavizar os tecidos inflamados, sendo reforçado pela prática de fricção e aplicação com panos quentes.

Nesse ponto, conhecimentos médicos e saberes práticos-populares combinam-se com procedimentos atestados pelos autores-médicos, revelando um provável trânsito entre farmacopeia(s) e os costumes das épocas e comunidades envolvidas.

A seguir, a análise de “malvaísc” é conduzida por meio de uma grade metodológica, fundamentada no tripé conceitual que articula o conhecimento científico da época, os saberes tradicionais e narrativas em que o termo se manifesta. Esta abordagem pode permitir identificar e caracterizar a plurifuncionalidade da unidade lexical, ajudando a validar seu estatuto como um etnotermo.

Quadro 2 - Grade de análise *malvaísc*.

Componente	Critérios de Análise	Evidências da Narrativa
1. Análise da Unidade Lexical e do Contexto (Componente “Narrativa”)	<p><u>Identificação da Unidade Lexical:</u> Qual é a palavra ou expressão em análise?</p> <p><u>Análise Transfrástica:</u> Como o significado da palavra é construído e desenvolvido ao longo de todo o texto?</p>	<p>- A unidade lexical em análise é malvaísc (com variantes como malvarisco e malvavisco).</p> <p>- A palavra é utilizada em diferentes contextos e com indicações de usos medicinais em manuais dos séculos XVIII e XIX.</p> <p>- A análise se baseia em trechos de obras como as de Smedo (1707, 1721), Mauran & Carvalho (1794) e Imbert (1834, 1839), em que a planta é listada como ingrediente em receitas e tratamentos.</p> <p>- A unidade lexical ganha sentido por meio da descrição de suas propriedades e indicações terapêuticas ao longo dos textos médicos e instrucionais.</p>
2. Análise do Conhecimento Popular (Componente “Saber Popular”)	<p><u>Função como Vocábulo:</u> A palavra funciona como um vocábulo de uso comum na língua geral?</p>	<p>- O termo é identificado como um “nome popular” com usos regionais.</p> <p>- É utilizada na medicina tradicional para tratar problemas bucais, respiratórios, de pele e gastrointestinais.</p>

	<p><u>Conexão com a Tradição:</u> A unidade lexical está ligada a lendas, mitos, folclore, práticas tradicionais ou crenças do imaginário coletivo?</p> <p><u>Carga Simbólica:</u> A palavra carrega consigo um sistema de valores, crenças ou uma função pedagógica/moral?</p>	<p>- A palavra está ligada a práticas ritualísticas em tradições afro-brasileiras (Candomblé) e cerimônias hindus, onde é usada como oferenda aos deuses.</p> <p>- A etimologia da palavra sugere uma carga simbólica, associando-a a propriedades suavizantes e calmantes, “tradicionalmente ligado a algo que pode expulsar o mal”.</p>
3. Análise do Conhecimento Científico (Componente “Conhecimento Científico”)	<p><u>Função como Termo:</u> A palavra funciona como um termo com um significado específico ou técnico (mesmo que de um saber não-formal)?</p> <p><u>Rigor e Formalidade:</u> O discurso tem alguma pretensão de formalidade ou sistematização?</p> <p><u>Tensão Dialética:</u> A palavra manifesta uma tensão entre um saber formal e o saber popular?</p>	<p>- Malvaíscio é um “termo botânico” que abrange diferentes espécies da família das malváceas.</p> <p>- A palavra é empregada em “fórmulas, ou Receituário” e em composições específicas para tratamentos de cólicas, tumores, reumatismo e disenteria.</p> <p>- A etimologia revela sua natureza mucilaginosa, que justifica suas propriedades terapêuticas emolientes e suavizantes, em um discurso que busca ser formal.</p> <p>- A tensão dialética se manifesta no ponto em que “conhecimentos médicos e saberes práticos-populares combinam-se com procedimentos atestados pelos autor-médicos”.</p>
4. Conclusão e Classificação	<p><u>Verificação da Plurifuncionalidade:</u> A unidade lexical atende aos critérios dos Componentes 2 e 3 simultaneamente?</p> <p><u>Classificação:</u> A unidade lexical é um etnotermo?</p>	<p>- Sim, a análise demonstra que a palavra “malvaíscio” opera simultaneamente como um vocábulo da língua em geral e como um termo de um saber cultural e médico da época.</p> <p>- A flutuação de suas formas e a diversidade de usos em diferentes contextos reforçam o interesse etnoterminológico.</p> <p>- A palavra pode ser classificada como um etnotermo, pois é um signo complexo que é, ao mesmo tempo, planta, remédio, símbolo e alimento.</p>

Fonte: dos autores.

Assim, *malvaíscio/malvarisco/malvavisco*, antes que fornecer apenas um exemplo paradigmático, entre tantos outros possíveis, poderia valer como um exemplo robusto de um etnotermo. Afinal, mostra-se um signo complexo e multifacetado: ao mesmo tempo, é planta, remédio, símbolo e alimento — com muitas designações variantes a ele associadas. Isso ilustra as potencialidades e os desafios de uma análise etnoterminológica aplicada a contextos histórico-documentais, sendo importante recorrer-se a uma verificação multidocumental. E, nesse caso, os contextos e/ou

cotextos não envolvem uma narrativa ficcional, mas, sim, como frisamos, um texto médico e instrucional, considerado, à época, como científico.

Na busca de mais exemplos nas obras médicas do nosso *corpus* histórico, fora do âmbito fitoterápico e etnobotânico, pensamos que vale referir e aproveitar, para validar e fomentar a nossa discussão, os usos de outros tipos de termos. Assim, recorreremos a exemplos como **bofe/pulmão** e de **dysenteria**. Ambos ocorrem em um manual médico específico (Imbert, 1834 e 1839), feito originalmente, por um médico francês radicado no Brasil, para orientar o atendimento de pessoas escravizadas naquele Brasil de tantas senzalas.

Nessa fonte, diferentes usos desses dois termos exemplificados, com suas respectivas definições, mais ou menos objetivas, vão ajudando a formar os seus “significados contextuais”. Conformam termos e conceitos também demarcados por um dado recorte cultural da ciência médica do século XIX, sem contar os aproveitamentos, pelo médico-autor, de concepções e entendimentos das pessoas escravizadas. Isso tudo tende a gravitar em torno desses itens lexicais:

Dadas estas necessarias explicações, facil he concluir que os **pulmões, ou bofe**, que têm a seu cargo a respiração, Jogão hum papel importante nesse mecanismo da vida: devendo-se por conseguinte estabelecer que **elles sao mais** do que os outros órgãos de menos importancia **susceptíveis de contrahir molestias**. (Imbert, 1834, p. 143, grifos nossos)

Chama se **Dysenteria** a enfermidade em que o enfermo faz hum numero mais ou menos consideravel de **evacuações sanguinolentas**; as quaes podem ser de cinco á seis, até quarenta ou sessenta por dia. (...) Concebe-se logo que **o negro, meio nú, exposto continuamente à acção ardente do sol**, e à todas as variações da temperatura, contrahirá frequentemente a **dysenteria**. (Imbert, 1834, p. 15 e p.18, grifos nossos)

Em paralelo ao que hoje, modernamente, sabemos sobre a **disenteria** ou sobre a estrutura e tipos de doenças que podem afetar os **pulmões**, é sabido que, em regiões remotas do Brasil, ainda se conhecem essas doenças, em diferentes suportes de informação, como “males” ou “doenças do peito” (Gurgel, 2019). Também reconhecemos os usos do item **bofe(s)/pulmões**, em expressões como “correu até

quase botar os bofes para fora” (Dicionário informal, 2025) ou como nome de peças da anatomia de animais bovinos em cortes de carnes em açougues e frigoríficos, integrando também receitas culinárias¹⁰. Por sua vez, no manual médico antigo, os “bofes” seriam as maiores portas de entrada para as doenças dos escravizados.

Do mesmo modo, a ideia de **disenteria**, entendida apenas como evacuação frequente combinada com fezes com traços de sangue, circula em cenários médicos, populares e em diferentes narrativas literárias ficcionais. Um termo mais comum e genérico associado ao termo “disenteria” pode ser “diarreia”, também conhecida como “desarranjo intestinal”, “caganeira” ou “piriri”. Mas o diferencial do significado e do conceito, médico e científico, definidor de disenteria é a presença de **sangue nas fezes**. Além dos termos já mencionados, existem outras expressões populares para a diarreia e a disenteria, como “afito/afitamento”; “câmaras/câmaras de sangue”, “cambras”, “corrução” e “soltura”. O recorte conceitual, significados contextuais e as especificidades de cada denominação, ainda que devidamente repertoriadas em dicionários e atlas linguísticos, podem depender de diferentes conexões, dos entornos de significação e dos diferentes usos e valores contextuais colocados em jogo.

7 Considerações finais e perspectivas

Lidar com o léxico não é tarefa trivial. Exige base científica, técnicas e métodos específicos para descrições variadas, amparadas no estado da arte da Linguística e das Ciências do Léxico. As quais, em seus enfoques e resultados, podem apoiar análises para confirmar ou refutar hipóteses em diferentes teorias e estudos linguísticos.

Este artigo propôs articular os campos da Etnoterminologia e da Etnobotânica com o objetivo de ampliar e aprofundar a discussão sobre a noção de **etnotermo** e de suas propriedades. A motivação central foi valorizar e preservar formas de

¹⁰<https://girodoboi.canalrural.com.br/pecuaria/o-que-e-o-bofe-de-boi-prato-pode-surpreender/>

conhecimento culturalmente delimitadas, frequentemente invisibilizadas nos registros terminológicos convencionais.

Partindo de uma base teórica sólida na Etnoterminologia de Barbosa (2006, 2007, 2009, 2020) e dos trabalhos que levaram adiante o seu pensamento, aproveitando os percursos da Terminologia Diacrônica e da Lexicologia Sócio-histórica, buscou-se estender a observação da condição de etnotermo para um novo cenário: os discursos não ficcionais de manuais médicos publicados em português nos séculos XVIII e XIX.

Para tanto, aproveitou-se a base de uma abordagem lexicométrica quantiquantitativa (Lazzari, Finatto, 2023), com ferramentas computacionais para análise de um *corpus* histórico, que revelou o protagonismo de termos, conceituações e usos vinculados a plantas medicinais em discursos de Medicina Doméstica. O estudo de caso do *malvaíscio* (com suas variantes "malvarisco", "malva-visco" e "malvavisco") foi apresentado como exemplo paradigmático de etnotermo, evidenciando como uma mesma unidade lexical e suas variantes podem condensar múltiplas dimensões e valores de significação, sejam eles botânicos, terapêuticos, simbólico-discursivos, histórico-culturais ou linguísticos.

As etapas propostas para análise dos registros e dos usos desse termo indicam que os etnotermos tendem a funcionar como registros vivos da cultura, articulando memória, linguagem e práticas, como as de cura, ao mesmo tempo em que podem também espelhar e conformar um saber científico. Naturalmente, no caso dos manuais e guias médicos antigos, associam-se a uma forma de ciência que hoje pode ser qualificada como rudimentar frente ao olhar contemporâneo.

Conclui-se que a abordagem etnoterminológica, ao integrar diferentes saberes e práticas discursivas, em diferentes cenários comunicativos e gêneros textuais, oferece uma via transdisciplinar promissora para os estudos do léxico e para a valorização de um patrimônio linguístico-cultural muitas vezes negligenciado, subsumido em meio aos registros científicos propriamente ditos. O trabalho demonstra que é possível avançar em direção de uma conceituação mais elaborada para os estatutos de

vocabulo/termo, assim como aponta ser possível qualificar um método de base para a identificação de valores que perfazem etnotermos também em meio a diferentes estudos histórico-sociolinguísticos sobre discursos científicos, como já empreendeu o trabalho de Pereira; Ribeiro (2021).

As perspectivas futuras do trabalho se orientam para a continuidade da coleta e análise de outros termos do *corpus* de manuais médicos, buscando mais elementos com condição potencial de etnotermo, fora do âmbito fitoterápico. A sistematização desses elementos e de uma série de traços de significação multifuncional tende a auxiliar a composição de verbetes em um futuro dicionário de Epidemiologia histórica (Finatto, 2024). Esse instrumento não seria somente um repositório de termos científicos antigos e respectivas conceituações, mas um recurso que possa acomodar e refletir também a multifuncionalidade de diferentes etnotermos em diferentes cenários de conhecimentos e de saberes, do passado ao presente.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos apoios do CNPq/PQ Proc.306273/2023-3/ e do PPG-LETRAS-UFRGS/PIBIC-CNPq-UFRGS, à bolsista IC-CNPq Ingrid Popien Pussieldi, ao Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, ao Plano de Educação Formal para os servidores Técnico-administrativos (PLEDUCA), da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS. Agradecimento especial aos revisores da GTLEX por sua leitura cuidadosa e indicação de vários pontos de melhoria.

Referências

- ABREU, J. L. N. de. **Nos domínios do corpo. O saber médico luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.
- ALEXIADES, N. M. Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. In: ALEXIADES, M. N. (ed.). **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: New York Botanical Garden Press, 1996. p. 53–94.

ANTUNES, I. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2014.

BARBOSA, M. A. A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não literários. **Acta Semiótica et Lingvística: Edição Especial**, v. 24, n. 3, p. 63-93, 2020.

BARBOSA, M. A. Terminologia Aplicada: Percursos Interdisciplinares. **Polifonia**, [S. l.], v.15, n. 17, 2009. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1006>. Acesso em: 15 set. 2025.

BARBOSA, M. A. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 3. Campo Grande: Editora UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433 – 445.

BARBOSA, M. A. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. **SciELO, Ciência e Cultura**: São Paulo, v. 58, n. 2, 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200018. Acesso em 15 set. 2025.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BEVILACQUA, C. R; SALES, D. R. de, SILVA, M. M.; REUILLARD, P. C.; LOGUERCIO, S. D. **Como elaborar um dicionário especializado? A experiência do Grupo TermiSul**. Porto Alegre: Zouk, 2023. Disponível em: <https://www.editorazouk.com.br/pd-95a553--e-book-como-elaborar-um-dicionario-> Acesso em: 15 set. 2025.

BEVILACQUA C. R; KILIAN, C. K. Capítulo 1 – Quando teoria e prática se encontram. In: BEVILACQUA, C. R; SALES, D. R. de, SILVA, M. M.; REUILLARD, P. C.; LOGUERCIO, S. D. **Como elaborar um dicionário especializado? A experiência do Grupo TermiSul**. Porto Alegre: Zouk, 2023, p.17-21. Disponível em: <https://www.editorazouk.com.br/pd-95a553--e-book-como-elaborar-um-dicionario->. Acesso em: 15 set. 2025.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, 27-46, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 15 set. 2025.

CABRÉ, M. T. **Terminology: Theory, methods and applications**. Philadelphia, PA: John Benjamins, 1999. 248 p.

CAMBRAIA, C. N.; CUNHA, E. L.T.P; SANTOS, T. N. **Lexicologia Sócio-histórica. Um ensaio**. 1ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2023.

CARDOSO, S. A. M. Geolinguística: ampliando fronteiras para o reconhecimento do português d Brasil. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M.B. de; LIMA, A. F. (orgs.) **Estudos Geossociolinguísticos do português brasileiro**. Campinas- SP: Pontes Editores, 2017. p.119-136.

CARNEIRO, R. M. O. **Discurso literário de fantasia infantojuvenil: proposta de descrição terminológica direcionada por corpus**. 2016. 281 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.445>. Acesso em: 07 de setembro de 2025.

CARVALHO, F. M. de. **O dicionário do folclore brasileiro: um estudo de caso da etnoterminologia e tradução etnográfica**. 2013. xii, 252 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) —Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CARVALHO, L. M. de. **Viagem botânica por Portugal**. Lisboa: CTT Correios de Portugal, 2023.

CARVALHO. L. M. **Estudos de Etnobotânica e Botânica Económica no Alentejo**. 2006. 566f. Tese (Doutorado em Biologia-Sistemática e Morfologia) – Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra, 2006.

CAVALCANTE, F. S.; SCUDELLER, V. V. A etnobotânica e sua relação com a sustentabilidade ambiental. **Revista Valore**, [S. l.], v. 7, p. e-7050, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22408/rev7020221065e-7050>. Acesso em: set. 2025.

CAZÉS, H. **Aspectos a considerar al definir qué es un término: el uso de la terminología en textos literarios**. In: Actas do VIII Simpósio da Rede Iberoamerica de Terminologia – RITERM, Cartagena, Colômbia, 2022. CD-Rom, RITERM, 2002.

COSTA, N. M. P.; GOMES, D. M. A etnoterminologia da língua Mundurukú – Tupí e as contribuições da Ecolinguística. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 252-274, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9176/6890>. Acesso em: 15 set. 2025.

COSTA, N. M. P. **Etnoterminologia na Língua Mundurukú (Tupí): sistema de cura e cuidado na voz de pajés, parteiras e puxadores de desmentiduras**. 2017. 189f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2017.

CURTI-CONTESSOTO, B. O(s) lugar(es) da diacronia na Terminologia: de onde partir para realizar um estudo terminológico-diacrônico hoje? **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 45, n. 2, p. e67723, 23 fev. 2024. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v45i2.67723>. Acesso em: 15 set. 2024.

CURTI-CONTESSOTO, B.; COSTA, L. A. Terminologia e terminólogos: teorias, aplicabilidades e mercado de trabalho. **ReDILLeT - Revista Digital Internacional de Lexicología, Lexicografía y Terminología**, n. 4, p. 20, dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ReDILLeT/article/view/36393>. Acesso em: 15 set. 2025.

DICIONÁRIO INFORMAL. *Botar os bofes pra fora*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/botar%20os%20bofes%20pra%20fora/>. Acesso em: 23 Jul. 2025.

ESPERANDIO, I. B. **Legendas de seriados de tema sobrenatural: uma abordagem terminológica para tradutores**. 2015. 229f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/131767>. Acesso em: 15 set. 2025.

DIKI-KIDIRI, M. Um enfoque cultural de la terminología. **Debate Terminológico**, n. 5, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/23955>. Acesso em: 15 set. 2025.

FINATTO, M. J. B. Posfácio: Por uma terminografia que faça a diferença. In: BEVILACQUA et. al. 2024. p. 125-128. In: BEVILACQUA, C. R.; SALES, D. R. de, SILVA, M. M.; REUILLARD, P. C.; LOGUERCIO, S. D. **Como elaborar um dicionário especializado? A experiência do Grupo TermiSul**. Porto Alegre: Zouk, 2023, p.17-21. Disponível em: <https://www.editorazouk.com.br/pd-95a553—e-book-como-elaborar-um-dicionario->. Acesso em: 15 set. 2025.

FINATTO, M. J. B. Para um hiperdicionário de epidemiologia histórica luso-brasileira: do século 18 aos dias de hoje. **Revista GTLex**, 9, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/Lex-v9a2023/24-10>. Acesso em: 15 set. 2025.

FINATTO, M. J. B.; GONÇALVES, M. F. G.; LAZZARI, R. R. Léxico e terminologia em um novo gênero textual do século XVIII: o manual para enfermeiros. In: BRUMME, J.;

VINAGRE, N. T. **Emergencia de nuevos géneros textuales y terminología em la historia de los lenguajes de especialidad**. *Linguistica philologica* 2. Berlin: Peter Lang, 2023. p. 199-232.

FINATTO, M. J. B; ESTEVES, F. F.; VILLAR, G. S. Construindo uma terminologia de raiz: textos legislativos sob exploração terminológica. **Platô – revista do instituto internacional da língua portuguesa**, v. 5, p. 76-97, 2022. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/67427397/plato-vol-5-n-9-2022-nivel-lexical-as-palavras-e-os-termos-desafios-politico-linguisticos-para-o-portugues-lingua-pluricentrica>. Acesso em: 15 set. 2025.

FINATTO, M. J. B. *Corpus*-amostra português do século XVIII: textos antigos de medicina em atividades de ensino e pesquisa. *Domínios de Linguagem*, v. 12, n. 1, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/DL33-v12n1a2018-15>. Acesso em: 15 set. 2025.

FRANÇA, F. **Vocabulário fitonímico das obras de Jorge Amado**, 2024, 204f., Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/1736>. Acesso em: 15 set. 2025.

FROMM, G. Por uma Terminografia Pedagógica. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 49, n. 2, p. 761-776, jun. 2020.

GIL, B. D. Ensino de vocabulário e competência lexical. **Gragoatá**, Niterói, v. 21, n. 40, p. 445-464, 2016. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/682/554>. Acesso em: 15 set. 2025.

GONÇALVES, M. F. A Arte de Enfermeiros (1741): aspetos do léxico relativo a doenças e remédios no século XVIII. **Panace@**, vol. XXI, nº 52, 2º sem., p. 68-85, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/29311>. Acesso em: 15 set. 2025.

GUIMARÃES, M. R. C. **Civilizando as artes de curar. Chernoviz e os manuias de medicina popular do Império**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2016.

GURGEL, C. B. F. M. A tuberculose na História. **Boletim da FCM**, Campinas, v. 12, n. 3, 14 dez. 2019. ISSN 2595-9050. Disponível em: https://www.fcm.unicamp.br/boletimfcm/mais_historia/tuberculose-na-historia. Acesso em: 15 set. 2025.

HARSHBERGER, J. W. The purposes of ethno-botany. **Botanical Gazette**, v. 21, n. 3, p. 146–154, 1896.

HERBÁRIO PROF. JORGE PEDRO PEREIRA CARAUTA – HUNI - UNIRIO (2024). Herbário virtual: Malvaíscos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/malvaviscus-arboreus-cav>. Acesso em: 15 set. 2025.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M.J.B. **Introdução à Terminologia. Teoria & prática**. 2 ed. São Paulo : Contexto, 2023.

KRIEGER, M. da G.; SANTIAGO, M. S. **Terminologia médica e variação**. Anais... XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA – ALFAL, João Pessoa - Paraíba, Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1134-1.pdf> . Acesso em: 15 set. 2025.

KRIEGER, M. da G. Do reconhecimento das terminologias: entre o linguístico e o textual. *In*: ISQUERDO, A. N., KRIEGER, M. da G. (orgs.). **As Ciências do Léxico**. Volume II. Campo Grande – MS: Editora UFMS, p. 327-340, 2004.

LARA, L. F. Término y cultura: hacia una teoría del vocablo especializado. *In*: ISQUERDO, A.N.; ALVES, I. M. (Org.) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, v. 3, p. 341-369, 2007.

LAZZARI, R. R.; FINATTO, M. J. B. Exame do vocabulário médico no Português no século XVIII: contribuições da lexicometria para o desenho de um dicionário histórico. **Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos** (ISSN: 2526-3455), [S. l.], v. 7, n. 1, p. 102–123, 2023. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/1259>. Acesso em: 15 set. 2025.

MARCUSCHI, L. A. **O Léxico: Lista, Rede ou Cognição Social?** (2005). Texto inédito, reform. da versão no V Ciclo de Seminários em Psicologia Cognitiva, Cognição e Linguagem, da Universidade Federal de Pernambuco, Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, de 2 a 4 de dezembro de 2003.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro de língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/>. Acesso em: 28 abr. 2025

MICHAELIS. **Malvaíscos**. *In*: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/malva%C3%Adasco/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

MARTIN, G. **Ethnobotany: A methods manual**. London: Chapman & Hall, 1995.

PAIS, C. T.; BARBOSA, M. A. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etno-literários à proposição de uma etno-terminologia. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 79-100, 2004.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. A filologia digital em língua portuguesa: alguns caminhos. In: GONÇALVES, M. F.; BANZA, A. P. (Org.). **Património textual e humanidades digitais: da antiga à nova filologia**. Évora: CIDEHUS, 2013. p. 113–138.

PAZLITDINOVA, N. The linguistic status of phytonyms. **Anglisticum: Journal of the Association-Institute for English Language and American Studies**, v. 6, n. 9, p. 109–116, 2017.

PEREIRA, H. B.; RIBEIRO, M. A. R. O guia médico do dr. Luiz Pereira Barreto: um estudo histórico-sociolinguístico da prática discursiva. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 31-70, 2021. DOI: <https://doi.org/10.61358/policromias.v6i2.43594>. Acesso em: 16 de set. 2025.

PIMENTA, A. P. C. **Representações do léxico sertanista em corpus da Literatura regionalista brasileira: protótipo de vocabulário etnoterminológico online**. 2019. 212 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2139>. Acesso em: 16 de set. 2025.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e semântica lexical: Noções Fundamentais**. Editora Contexto, 2018, 322 p.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. **Alfa**, São Paulo, v. 28, supl., p. 45–69, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3678/3444>. Acesso em: 15 set. 2025.

SCHULTES, R. **Where the Gods Reign**. Oracle, Arizona (EUA): Synergetic Press, 1988.

SCHULTES, R. E.; RAFFAUF, R. F. **The Healing Forest: Medicinal and Toxic Plants of the Northwest Amazonia**. Portland, OR (EUA): Dioscorides Press, 1990.

SILVA, G. S.; FINATTO, M. J. B. Racialização e escravidão no século XIX: aspectos linguísticos e espelhamento históricoliterário em *O Tempo e o Vento*. In: GAZIERO, G.; BALBON, J. S. (Org.). **XVII Mostra de Pesquisa** [livro eletrônico]. Porto Alegre, RS: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2025. p. 214-232.

SILVA, B. R. **Vocabulário escrito de estudantes de escolas públicas do Rio Grande do Sul: um estudo léxico-estatístico**. 2021. 321f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2021.

SOUZA, C. R. da S. R. de. Os manuais de medicina doméstica e a circulação do conhecimento no século XIX: o caso da Guia Médica das Mães de Família. **Revista. Bras. de Hist. Da Ciência**. V. 15, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.53727/rbhc.v15i1.737>. Acesso em: 16 de set. 2025.

SOUSA, Y. S. O. O Uso do Software Iramuteq: Fundamentos de Lexicometria para Pesquisas Qualitativas. **Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro**, v. 21, n. spe, p. 1541-1560, 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2021.64034>. Acesso em 15 st. 2025.

SURGULADZE, N.; KAKHIDZE, S. Phytonymic idioms with similar and different connotations (Based on French and Georgian Phraseophytonyms). **Journal of Narrative and Language Studies**, v. 7, n. 13, p. 140-151, 2019.

TOLEDO, V. M. New paradigmas for a new ethnobotany: reflections on the case of Mexico. In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (Ed.). **Ethnobotany: Evolution of a Discipline**. Portland, Oregon (EUA): Dioscorides Press, 1995. p. 75–88.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO. Traditional Medicine Strategy: 2014-2023**. Geneva: World Health Organization, 2013. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241506096>. Acesso em: 15 set. 2025.

ZILIO, L.; FINATTO, M. J. B.; VIEIRA, R.; QUARESMA, P. Uma abordagem de Processamento de Linguagem Natural para Avaliação de Complexidade em literatura médica do século XVIII. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 17, p. e1753, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/69775>. Acesso em: 15 set. 2025.

XOLOCOTZI, E. H. **Exploración etnobotánica y su metodología**. Chapingo (México): Colegio de Postgraduados / Escuela Nacional de Agricultura, 1971.

Referências dos corpora históricos – manuais médicos

IMBERT, J. B. A. **Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico sobre as enfermidades dos Negros**. Typographia Nacional, 1834. Disponível em: <https://archive.org/details/b29341152/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 15 set. 2025.

IMBERT, J B. A. **Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico sobre as enfermidades dos Negros, generalisado ás necessidades medicas de todas as classes**. Typographia

Nacional, 1839. Disponível em: Tomo 1: <https://archive.org/details/DELTA539211FA/mode/2up>. Acesso em: 19 jan. 2024. Tomo 2: https://archive.org/details/DELTA53921_2. Acesso em: 15 set. 2025.

MAURAN, G.; CARVALHO, B. J. **Aviso a' Gente do Mar sobre a sua Saude**. R. Typ. de João Antonio da Silva, Lisboa, Portugal, 1794. Trad. adapt. da ed. original francesa, com notas de Bernardo José de Carvalho. Original digitalizado da Coleção Manizola da Biblioteca Pública de Évora (BPE), Portugal.

SANTIAGO, Fr. D. **Postilla religiosa, e arte de enfermeiros, Guarneçada com eruditos conceitos de diversos Authores. facundos, Moraes e Escriurarios**. Lisboa Occidental: Na officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1741. Disponível em: <https://archive.org/details/b30507340> . Acesso em: 15 set. 2025.

SEMEDO, J. C. **Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada, e guarneçada com tantos defensores, quantos são os remedios, que no discurço de sincoenta, & oyto annos experimentou...** Lisboa Occidental: Na Officina Ferreyrenciana, 1721 (?). - [12], 696, p. ; 2o (28 cm). Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Zl9dAAAACAAJ&newbks=1&newbks_redir=0&dq=atalaya&hl=pt-BR&pg=PP13#v=onepage&q&f=false. Acesso em 15 set. 2025.

SEMEDO, J. C. **Observaçoes medicas doutrinaes de cem casos gravissimos**. Lisboa: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1707. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=qCVH54Hs2i0C&dq=Observac%CC%A7oens+medicas+doutrinaes>. Acesso em: 15 set. de 2025.

Artigo recebido em: 01.05.2025

Artigo aprovado em: 31.07.2025